

AUTORES & LIVROS

15-1-1949
Ano IX

Diretor e redator: MUCIO LEÃO.
Gerente: LEONARDO MARQUES.
Secretário: SÉRGIO R. VELLOZO.
PREÇO — Cr\$ 2,00

N.º 2
Vol. X

Noticia sobre Gregorio de Matos

Gregório de Matos Guerra nasceu na Bahia, em 20 de dezembro de 1633, e era filho de Gregório de Matos e de D. Maria da Guerra, senhora de engenho na Patativa, naquela Capitania. (O nome do pai do poeta, que, conforme os melhores biógrafos, é dado como sendo Gregório de Matos, aparece em Sacramento Blake e Artur Moys como sendo Pedro Gonçalves de Matos).

Gregório era o terceiro filho do casal: o primeiro teve o nome de Pedro de Matos de Vasconcelos, e foi lavrador e funcionário público; o segundo foi o Padre Eusebio de Matos, que se tornou também poeta, e foi um famoso pregador sacro.

Quanto ao nosso poeta, foi ele batizado em 23 de dezembro de 1633, com o nome de João. Por ocasião de sua crisma, no ano seguinte, o Bispo D. Pedro da Silva mudou-lhe o nome para Gregório.

Gregório de Matos iniciou os estudos de Humanidades na Bahia, com os Jesuítas, já revelando, desde a meninice, as tendências para a poesia, e sobretudo para a poesia satírica. Em 1653 está em Coimbra, matriculado no primeiro "ano de Cânones, e ali permanece até 1661, quando obtém o seu título de formatura. Passou a residir em Lisboa, e ali abriu banca de advogado. Foi igualmente, Juiz do Crim e Juiz de Ordens. Esse período de sua vida é bastante obscuro. Parece que veio ao Brasil mais nada se sabe ao certo. Sabe-se que, em certo momento, o Príncipe Regente, D. Pedro II, quis mandá-lo ao Brasil, a fim de proceder a uma sindicância, acerca da conduta de Salvador Correia de Sá e Benevides, no Rio de Janeiro. Gregório de Matos não aceitou o encargo. Nem por isso deixou de ser nomeado, em 24 de março de 1679, Desembargador de Relação Eclesiástica da Bahia, com 300\$000.

Em 1681 estava residindo na Bahia, e ali gozava da amizade de D. Gaspar Barata, primeiro Arcebispo daquela Capitania. Obtinha então a nomeação de Tesoureiro-Mor da Catedral e a do Vagário Geral com murcha de Cônego, tendo apenas as Ordens menores. Como, porém, se recusasse a receber as ordens maiores, o botevêz falecido o seu protetor, desandou para ele a roda da fortuna. E Gregório veio a perder os cargos que exercia. E' dessa época o crime em que tombou sem vida o Alcaide-Mor Francisco Teles de Menezes. Gregório de Matos se vê arrastado entre os responsáveis por esse assassinato. Juntamente com Bernardino Vieira Ravasco, é forçado a asilar-se em Lagado.

Já enclaustrado em anos, casou-se com a formosa viúva Maria de Povos. Vendo crescidas, com o casamento, as suas responsabilidades, procura abandonar a vida folgada que vivera até então, nos seus anos de boémia. Tenta regressar às atividades de advogado. Mas desculda-se das causas, cujos prazos improrrogáveis perde: vive a ferir os colegas advogados e os Ju-

zes, com as suas fustigadas sátiras... A pobre senhora — viúva —, ela também, dos sarcasmos do marido — acaba não podendo mais suportar a situação: abandona Gregório, e recolhe-se à casa de um parente. Alarmada, a família corre ao poeta, para que ele torne a receber a esposa; Gregório consente, mas estabelece suas condições: D. Maria ha de regressar à casa acompanhada por um capitão do mato, como negra fugida... e se lhe nascer um filho ha de receber o nome de Gonçalo, porque em sua casa quem manda é a galinha, não o galo... D. Maria aceitou as condições; e mais tarde, no dar a luz um filho, este realmente se chamou Gonçalo...

A essa altura da vida, achava-se o Boca do Inferno visado por todos os odios, na Bahia. Uma noite (conta-se seus desfeitos procuraram alvejá-lo, disparando contra ele um tiro. Não sendo atingido, mas verificando que sua vida corre perigo, ele se recolhe ao reconhecimento. Foi, porém, preso por ordem do Governador Dom João de Lencastre, e remetido para Angola. Era isso em 1684. No ano seguinte, obtinha a sua liberdade. E regressava ao Brasil, indo residir em Pernambuco, onde era Governador Caetano de Melo e Castro. Esta autoridade o recebe com o maior afeto, oferecendo-lhe sua proteção, e os recursos de que necessitava, mas pedindo-lhe em troca um único favor: que ele não fizesse mais versos. O poeta prometeu. E é dessa época aquele divertido episódio, no qual Gregório, tendo visto duas mulheres que se descompunham e lutavam a unhas na rua, saiu gritando:

— Aqui-del-rei contra o Sr. Caetano de Melo.

Perguntou-lhe alguém porque aquele grito. E o poeta retrucou:

Que maior motivo que o proibir-me de fazer versos, quando ha tais motivos para eles?

Em Pernambuco, não obstante a promessa formal feita ao Governador, continuou a ferir, com os seus tremendos sarcasmos, todos os que desses sarcasmos se fariam mercedores.

Foi ali que faleceu, no ano de 1696.

Gregório de Matos é patrono da Academia Brasileira de Letras (cadeira n.º 16); e da Academia Bahiana de Letras.

BIBLIOGRAFIA

— Obras Poéticas de Gregório de Matos Guerra, precedidas da vida do poeta pelo licenciado Manuel Pereira Rabêlo — Tomo I — Rio, 1882 — 419 págs.
E' a edição devida a Vale Cabral, que assina a introdução (de págs. V a LII).

Obras de Gregório de Matos: I — *Sacra*, 1929 — Oficina Industrial Gráfica, rua da Misericórdia, 74, Rio de Janeiro, in-8.º, 193x126, 237 págs. Contém: "Nota de C. (Constantino) A. (Alves); "Edições e inéditos de Gregório de Matos", por A. (frânio) P. (elzoto); "Gregório de Matos, poeta religioso", por Homero Pires; "Vida e

morte de Gregório de Matos Guerra, escrita pelo licenciado Manuel Pereira Rabêlo, e mais apurada depois por outro engenheiro"; 26 sonetos, 36 décimas; quadras e quintilhas.

II — *Lírica*, Alvaro Pinto, editor (Anuário do Brasil), Rio de Janeiro (1923), in-8.º, 193x124, 333 págs. Contém: Prefácio, por Afrânio Peixoto; 115 sonetos, 6 oitavas, 42 décimas, 6 romances, 1 endecha.

III — *Graciosa*, 1930, Oficina Industrial Gráfica, r. da Misericórdia, 74, Rio de Janeiro, in-8.º, 193x123, 343 págs. Contém: "Nota preliminar", por Afrânio Peixoto; "Gregório de Matos", por Xavier Marques; 30 sonetos, 24 romances, 56 décimas, 3 quintilhas; 3 redondilhas, 2 oitavas, 2 canções; coplas; endechas; 2 silvas.

IV — *Satírica*, Vol. I — 1930, Oficina Industrial Gráfica, rua da Misericórdia, 74, Rio de Janeiro, in-8.º, 193x126, 330 págs. Contém: "Nota preliminar", por Afrânio Peixoto; "Gregório de Matos", por Constantino Alves; "Aos Vícios"; 28 sonetos, 28 romances, 12 epigramas, Vol. II — Contém: "Nota preliminar", A. (frânio) P. (elzoto); 13 sonetos, 91 décimas; 2 romances; tercetos; 4 quadras; sextilhas; 2 silvas; 2 epigramas, e "Índice geral das poesias de Gregório de Matos", publicadas nos 5 volumes de suas Obras, editadas pela Academia Brasileira de Letras".

VI — *Última*, 1933, Oficina Industrial Gráfica, rua da Misericórdia, 74, Rio de Janeiro, in-8.º, 193x126, 375 págs. Contém: "Nota preliminar", de Afrânio Peixoto; "Notas sobre Gregório de Matos, do Arquivo da Universidade de Coimbra"; "A vida espantosa de Gregório de Matos"; (Retrato histórico), por Pedro Calmon; "Vida do grande poeta americano, Gregório de Matos Guerra"; 38 sonetos; metáforas; 46 décimas; sátira do Padre Lourenço Ribeiro contra o dr. Gregório de Matos Guerra; 15 romances; 1 endecha; Índice Geral.

— *Erótica*, 2 vols.

Em sessão da Academia (26-7-1934) Afrânio Peixoto comunicou que a *Erótica* do poeta fora organizada em dois códices datilografados, dos quais um ficara no reservado da Academia, tendo o outro sido mandado para a Biblioteca Nacional.

— *Parnaso Brasileiro*, por Januário da Cunha Barbosa, 2 vols. — Rio, 1831. (Encerra Poetas de Gregório de Matos de páginas 53 a 62.)

— *Parnaso Brasileiro*, por J. M. Pereira da Silva, 2 vols. — 1843. (Encerra 2 sátiras de Gregório de Matos, no 1.º volume, págs. 47-53.)

— *Florilegio da Poesia Brasileira* — 3 vols. — Lisboa, 1850-1853; 2.ª edição — Rio, 1946. (Encerra várias poesias de Gregório de Matos, no 1.º tomo, págs. 17-127.)

— *Parnaso Brasileiro*, de Meilo Moraes Filho — 2 vols. — Rio, 1885. (Encerra no 1.º volume cinco sátiras de Gregório de Matos.)

— *Sentença proferida a 2 de*

(Continua na pág. 17)



Gregório de Matos. Retrato existente na Academia Brasileira de Letras, na galeria dos patronos.

SUMARIO

- PAGINA 13:
— Notícia sobre Gregório de Matos.
- PAGINAS 14 E 15:
— A Poesia de Gregório de Matos;
— Vários Sonetos.
- Retrato do Governador A. L. G. da Câmara Coutinho.
— Romance em defesa do dito governador.
- PAGINAS 16 E 17:
— Ensaio sobre Gregório de Matos, de Mucio Leão.
— Uma biografia de Casimiro de Abreu.
- PAGINA 18:
— A Vida dos Livros.
- PAGINA 19:
— A Sentença, conto de Breno Accioly.
- PAGINAS 20, 21 E 22:
— Antologia da Literatura Brasileira contemporânea. 2.ª série — Antologia da Prosa — XXVI — Celso Vieira:
— Celso Vieira (notícia biográfica).
— Biografia de Celso Vieira.
- Algumas fontes sobre Celso Vieira.
— *Maravilhas do Instituto*
— *O Ocio das Lindas Mãos*
— *Adonias*
— *Rainhas de Batalhas*
- PAGINA 23:
— Páginas dos Autores Novos — XXIII — Debora Leão.
— Notícia biográfica sobre Debora Leão.
— Sonetos de Debora Leão:
— Deus
— Maternidade
— A Criança e a Nuvem
— Nuvem, Leve
— O Amor
— Gota d'água
— Prisioneira
— Na multidão
— Indiferença
— Exortação
— Estréia da Tarde
— Andorinha
— Transformações
— Separação
- PAGINA 24:
— Nada, soneto de Joaquim Nabuco.
— Album de Guignard, n.º 11 — Horto Florestal de Itatiaia.

"AUTORES E LIVROS" A SEUS ASSINANTES

Em virtude de constantes reclamações de assinantes que não têm recebido regularmente a nossa revista, resolvemos passar a fazer todas as remessas com porte registrado. Assim sendo, deduziremos de todas as assinaturas anuais a importância correspondente ao registro, ou seja Cr\$ 14,00. Aqueles que possuem assinatura

anual receberão, pois, 7 números a menos do que antes recebiam, passando o prazo de suas assinaturas a findar-se em fevereiro de 1940, com o n.º 4 do volume XI.

As assinaturas semestrais não sofrem alteração; também não o sofrem as trimestrais, por já terem o seu prazo esgotado.

AOS COLECIONADORES DE "AUTORES E LIVROS"

E' possível que, dadas as notórias deficiências do serviço do correio nacional, alguns assinantes tenham ficado desfalecidos de um ou outro número do nosso nono volume. Aos que assim se encontrarem, preveni-

mos que temos na redação exemplares de todos os números do nono volume, exemplares estes que ficam desde já à disposição dos interessados que não desejem ver desfalecidas suas coleções.

SORTEIO DE UMA COLEÇÃO DE "AUTORES E LIVROS"

Cumprindo uma promessa feita desde o primeiro número de nosso nono volume, pusemos em sorteio, com a Loteria Federal do dia 29 de dezembro do ano passado (a última extração do ano) uma coleção de "Autores e Livros" desde o seu início (1944) até o momento atual. Não correspondendo o número de nenhum dos nossos assinantes ao número do bilhete da

sorte grande daquele dia — 14 —, nenhum deles ganhou a coleção referida.

Volta, assim, aquela coleção de "Autores e Livros" a ser posta em sorteio com a última extração de 1949. Naquela ocasião, o assinante cujo número corresponder ao grande prêmio da Loteria Federal receberá os seus dez volumes de "Autores e Livros".

A poesia de Gregorio de Matos

A Dona Angela, uma das três filhas de Vasco de Sousa de Paredes, e sua mulher Dona Victoria, de tão para formosura, que D. João de Alencastro quando foi deste governo para Lisboa, levou consigo um retrato seu.

SONETO

Não vira em minha vida a formosura,
Ouvia falar nella cada dia,
E ouvida me incitava, e me movia
A querer ver tão bela architectura;

Hontem a vi por minha desventura
Na cara, no bon ar, na galhardia
De uma mulher, que em Anjo se mentia;
De um Sol, que se trajava em creatura;

Matem-me, disse eu, vendo abraçar-me
Se esta a cousa não é, que encarecer-me
Sabia o mundo, e tanto exagerar-me;

Olhos meos, disse então por defender-me.
Se a beleza heis de ver, para matar-me,
Antes olhos cegueis, do que eu perder-me.

A mesma D. Angela.

SONETO

Anjo no nome, Angelica na cara!
Isso é ser flor, e Anjo juntamente:
Ser Angelina flor, e Anjo florente,
Em quem, senão em nós, se uniformam;

Quem vira uma tal flor, que a não cortara,
Do verde pé, da rama florecente;
E quem um Anjo vira tão luzente,
Que por seu Deus o não idolatrara?

Se pois como Anjo sois dos meus altares,
Foreis o meu Custodio, e a minha guarda,
Livrara eu de diabolicos amares.

Mas vejo, que por bela, e por galharda,
Poeto que os Anjos nunca dão peccares.
Sois Anjo, que me tenta, e não me guarda.

A mesma Dama; É tradução de outro Soneto, composto por Felipe 4.º Rei de Espanha.

SONETO

Se hade ver-vos quem hade retratar-vos,
E é torposo cegar quem chega a ver-vos,
Sem agravar meus olhos, e ofender-vos,
Não hade ser possível copiar-vos.

Com neve, e rosas quiz assemelhar-vos;
Mas fora honrar as flores, e abater-vos;
Dous Zephirus por olhos quiz fazer-vos;
Mas quando sonham elles de imitar-vos;

Vendo que a impossivel me aparelho,
Descoffei da minha tinta impropria,
E a obra encomendei a vosso espelho.

Por que nele com luz, e cor mais propria
Sereis, se não me engana o meo conselho,
Pintor, pintura, original, e copia.

Retrata o Autor a Dona Angela.

SONETO

Debuxo singular, bella pintura,
Adonde a Arte hoje imita a Natureza,
A quem emprestou cores a Beleza,
A quem infundiu alma a Formosura,

Ephera breve; aonde por ventura,
O Amor, com assombro, e com fineza,
Reduz incomprehenzivel gentileza;
E em pouca sombra, muita luz apura.

Que encanto é este tal, que equivocada
Deixa toda a attenção mais advertida
Nessa copia á Beleza consagrada?

Pois, ou bem sem engano, ou bem fingida;
No rigôr da verdade, está pintada,
No rigôr da apparencia, estás com vida.

Saudade, o Poeta não acha na solidade alivio ás
seus magoas.

SONETO

Na parte da esposura mais sombria,
Onde uma fonte de um rochedo nasce,
Com os olhos na fonte, a mão na face,
Sentado, o Pastor Silvio assim dizia:

Ai! como me mentio a fantasia,
Cuidando nesta estancia repousasse;
Que importa, que eu a sôde mitigasse.
Se da saudade cresce a hydropeia.

Solte o Zephirus brando os seus alientos,
E excite no meo peito amantes fragoas,
Pois sobem da corrente os movimentos.

Que é tyrana officina para as magoas,
Ouvir nas folhas combater os ventos,
Por entre as pedras murmurar as agoas.

Chora um bem perdido, porque o desconheço na
posse.

SONETO

Porque não merecia o que lograva,
Deixei como ignorante o bem que tinha,
Vin sem considerar aonde vinha,
Deixei sem attender o que deixava;

Suspiro agora em vão o que gozava,
Quando não me aproveitava a pena minha,
Que quem errou sem ver o que convinha,
Ou entendia pouco, ou pouco amava.

Padeça agora, e morra suspirando
O mal, que passo, o bem que possuo;
Pague no mal presente o bem passado.

Quem podia, e não quiz viver gozando
Confesse, que esta pena merecia,
E morra, quando menos confessando.

Namorado, o Poeta, fala com um arroio.

SONETO

Como corres, arroio fugitivo?
Adverte, pára, pois precipitado
Corres soberbo, como o mau cuidado,
Que sempre a despenhar-se corre altivo.

Torna a traz, considera discursivo,
Que esse curso, que levás apressado,
No caminho que emprende despenhado
Te deixa morto, e me retrata vivo.

Porem corre, não pára, pois o intento,
Que teu desejo consequer procura,
Logra o ditoso fim do pensamento.

Triste de um pensamento sem ventura,
Que tendo venturoso o nascimento,
Não acha assim ditosa a sepultura.

A uma Dama dormindo junto a uma fonte,

SONETO

Á margem de uma fonte, que corria,
Lira doce dos passaros cantores,
A bella occasião das minhas dores
Dormindo estava ao despertar do dia.

Mas como dorme Sílvia, não vestia
O ceo seus horizontes de mil cores,
Dominava o silencio sobre as flores,
Calava o mar, o rio não se ouvia.

Não dão o parabem a nova Aurora
Flores caporas, Passaros, fragrantos,
Nem seo ambar respira a rica Flora.

Porém abrindo Sílvia os seus diamantes,
Tudo a Sílvia festeja, tudo adora,
Aves cheirosas, flores ressonantes.

Pretende o Poeta moderar o extensivo sentimento
de Vasco de Sousa de Paredes na morte da dita sua
filha.

SONETO

Sobolos rios, sobolos torrentes
De Babilonia, o povo ali oprimido
Cantava ausente, triste, e affligido
Memorias de Sião, que tem presentes.

Sobolos do Cahipe agoas correntes
Um peito melancolico, e sentido,
Um Anjo chora em cinzas redigido,
Que são bens reputados sobre ausentes.

Para que é mais idade, ou mais um anno,
Em quem por privilegio, e natureza
Nasceu flor, a que um sol fez tanto damno?

Vossa prudencia, pois, em tal dureza
Não sinta a dor, e tome o desengano,
Que um dia é eternidade da beleza.

A instabilidade das cousas do Mundo.

SONETO

Nasce o Sol, e não dura mais que um dia,
Depois da Luz, se segue a noite escura,
Em tristes sombras morre a formosura,
Em continuas tristezas a alegria.

Porém se acaba o Sol, porque nasce?
Se é tão formosa a luz, porque não dura,
Como a belleza assim se transfigura?
Como o gosto da pena assim se fia?

Mas no Sol, e na luz falta a firmeza
Na formosura não se dá constancia,
E na alegria sinta-se tristeza.

Começa o mundo enfim pela ignorancia,
E tem qualquer dos bens por natureza
A firmeza somente na inconstancia.

Bóte a sua casaca de veludo,
E seja capitão sequer dois dias;
Converse á porta de Domingos Dias,
Que pega fidalguia mais que tudo,
Seja um magano, um picaro, albeidudo;
Vá a palacio; e apor das cortezias,
Perca quanto ganhar nas mercancias;
E em que perca o alheio, esteja mudo.
Ande sempre na casa e montaria;
Dê nova locução, novo epíteto;
E diga-o sem proposito á porfia;
Que em dizendo facção, protesto, affeto,
Será no entendimento da Bahia,
Muito fidalgo, muito rico e muito discreto.

Papa miasmas de A. com o pé direito;
Os belta-mãos de galeador da pelle;
Salto a todo cavallo a parentella,
O dono, o criador e seu defeito.
Se o não souber, e o vir ruiam da ceite,
Chame o laco, e posto na janella,
Mande que lho pascole á mór cautella;
Que ainda que o não entenda, se ha respeito.
Sáia na armada; soffra lá seus botes;
A ouvir cantar damas mal se applique;
Fale sempre na quinta, pótro e galgo,
E com isto, e o favor de quatro anotes,
De prompto ouvir e crer, se porá a pigme,
De amanhecer um dia grão fidalgo.

A uma procissão de cinza em Pernambuco.

Um negro magro, em suflle mui justo;
Dous azoragues de um joá pendentes;
Barbado o Peres; mais dois penitentes;
Seis crianças com azas sem mais custo;
De vermelho o mulato mala robusto;
Tres meninos fradinhos innocentes;
Dex ou doze brixotes mui agentes;
Vinte ou trinta candelos de hombro onusto.
Sem debita reverencia seis andores;
Um pendão de algodão tinto em tejuco;
Em fileiras dez pares de menores;
Atraz um negro, um cego, um mamaluco;
Tres lotes de rapazes gritadores;
E a procissão de cinza em Pernambuco.

A abundante ilha de Gonçalo Dias.

Oh ilha rica, inveja de Cambaya,
Fértil de peixe, fructas e marisco!
Mais gallegos na praia do que cisco;
Mais cisco nos gallegos que na praia.
Tu, a todo o Brasil podes dar vaia,
Pois tantos lucros dáas, e a pouco risco;
Tu abundas aos filhos de Francisco,
Picote de capão, burel de arrala.
Tu, em côcos dás só á frota o lastro;
Fructa em toneis, a china ás toneladas;
Tu tens a sua carga a teu cuidado.
Se sabe o precarissimo Alencastro
Que taes serviços fazes ás armadas,
Creio que fará de ti um grão morgado.

A uma tormenta

Na confusão do mais horrendo dia,
Painel da noite, em tempestade brava,
Do fogo e ar o ar se ar subarapava,
Da terra e ar o ar se confundia.

A poesia de Gregório de Matos

Bramava o mar; o vento embravecia;
A noite em dia, enfim, se equivocava;
E com estrondo horrível se assombrava
A terra, e se abalava, e estremecia.
Desde os altos aos conchavos rochedos,
Desde o centro aos mais altos obeliscos,
Houve temor nas nuvens e pedregos;
Pois dava o céu, ameaçando riscos,
Com assombros, com pastos, e com mídos,
Relampagos, trovões, raios, coriscos.

Contra os abusos do pulpito

Via de perfeição é a Sacra Via;
Via do céu, caminho da verdade;
Mas ir ao céu com tal publicidade,
Mais que virtude, o deito a hipocrisia.
O ódio é d'alma infame companhia:
A paz, deixou-a Deus a cristandade;
Mas arrastar por força uma vontade,
Em vez de caridade, é tyrannia.
O dar pregões no pulpito é indecência:
Que é de fulano? Venha aqui sicrano;
Porque peccado e peccador se veja...
Só proprio é de um porteiro de audiência.
E se nisto mal digo, ou me engano;
Em me remetto á Santa Madre Igreja.

Desenganos da vida humana.

E a vaidade, oh Fabio, nesta vida,
ricza, que da manhá lisonjeada,
Purpuras mil, com ambição doirada,
Altroza rompe, arrasta presumida.
E planta, que de Abril favorecida,
Por mares da soberba desatada,
Florida galeota empavezada,
Suica ufana, navega destemida.
E náu, enfim, que em breve ligezra,
Com presumpção de Phenix generosa,
Galhardias aposta com presteza.
Mas ser planta, ser rosa e náu vistosa,
De que importa, se a guarda, sem defeza,
Penha a náu, ferro a planta, tarde a rosa?

Ao mesmo assumpto.

São neste mundo imperio de loucura,
Posse, engenho, nobreza e galhardia,
Os padrões da vaidade, em que confia
A presumpção dos homens sem cordura.
Mas se em cinzas se torna a formosura,
Se em cadaver a muda fidalguia,
E palestra do engenho a campã fria,
So da riqueza é cofre a sepultura.
Ea tronco na dureza empenhacado;
Ea homem, mais que a rocha empedernido;
Ea marmore na constancia do peccado.
Como vives, ó homem presumido,
Veido qual ha de ser teu triste estado,
Se és galan, nobre, rico ou entendido.

Estando para morrer.

Pequei, senhor: mas não porque hei peccado,
Da vossa alta piedade me despiro;
Antes quanto mais tenho delinquido,
Vos tenho a perdoar mais empenhado.
Se basta a vos irar tanto peccado,
A abrandar-vos sobeja um só gemido:
Que a mesma culpa, que vos ha offendido,
Vos tem para o perdão lisonjeado.
Se uma ovelha perdida, já cobrada,
Glória tal, e prazer tão repentino
Vos deu, como affirmas na Sacra História:
Eu sou, senhor, ovelha desgarrada;
Cobrai-a; e não queirais, Pastor Divino,
Perder na vossa ovelha a vossa glória.

Idem

Meu Deus, que estais pendente em um madeiro,
Em cuja fé protesto de viver;
Em cuja santa lei hei de morrer,
Amoroso, constante, firme e inteiro.
Neste trance, por ser o derradeiro,
Pois vejo a minha vida anottecer,
E, meu Jesus, a hora de se ver
A brandura de um pai, manso cordeiro.
Mul grande é vosso amor, e o meu delicto:
Porém, pode ter fim todo o peccar,
Mas não o vosso amor, que é infinito.
Esta razão me obriga a confiar.
Que por mais que pequei, neste conflicto
Espero em vosso amor de me salvar.

Retrato do governador A. L. G. da Camara Coutinho.

Vá de retracto
Por consanctos;
Que eu sou Timantes
De um nariz de tocano cor de pato.

Pelo cabelo
Começa a obra;
Que o tempo sobra
Para pintar a giba de camello.

Causa-me engulho
O pello untado;
Que, de molhado,
Parece que sae sempre de mergulho.
Não junto as faltas
Dos olhos baixos;
Que versos raios,
Nunca ferem senão coisas mui altas.

Mas a fachada
Da sobrançella,
Se me assemelha
Uma negra vassoura esparralhada.

Nariz de embono,
Com tal sacada,
Que entra na escada
Duas horas primeiro que seu dono.

Nariz que fala
Longe do rosto;
Pois na Sé posto,
Manda na Praça pôr a guarda em ala.

Membro de olfatos;
Mas tão guardados
Que um rei coroado
O pôde ter por copa de cem pratos.

Tão temerário
E o tal nariz
Que por um triz
Não ficou cantareira de um armario.

Você me perdoe,
Nariz nefando,
Que eu vou cortando,
E ainda fica nariz em que se ussoe.

Ao pé da altura
Do nosso utero
Tem o sendeiro.
O que bocca nasceu e é rasgadura.

Na gargantona,
Membro do gosto,
Está composto
O orgão mais subtil da voz fanhona.

Vamos á giba:
Mas eu que injento,
Se não sou velho
Para poder trepar lá tanto arriba?

Sempre eu insisto,
Que no horizonte
Deste alto monte,
Foi tentar o diabo a Jesus Christo.

Chamam-lhe autores,
Por falar fresco,
Dorsum burlesco,
No qual fabricaverunt peccatorem.

Havendo apostas
Se a gente ou fêra
Se assentou que era
Um canaol, que traz a casa ás costas.

De grande, arriba
Tanto se entona,
Que já blazona
Que engultou ser canastra, por ser giba.

Oh pico alçado!
Quem lá subira,
Pra que vira
Se é Etna abrazador, se Alpes nevado.

Os pés dão figas
A mór grandeza!
Por cuja empresa
Tomaram tanto pé, tantas cantigas.

Velha coltada;
Cuja figura,
Na architectura
Da pópa da náu nova está entalhada.

Na viagem,
Senhor Tocano;
Que para o anno,
Vos espera a Bahia entre a bagagem.

Romance em defesa do dito governador.

Agora aito eu a campo,
Por vós, meu Antonio Luis;
Que já fede tanto verso,
Já enfada tanto pasquim.

Que vos quer esta canalha
Torpe, de villões ruims?
Tanto poeta sendeiro?
Tanto trovador russim?

Se fizestes mau governo,
(Que é certo que foi ruim),
Elles que o façam peor,
Que eu lhes dou de quatro mil.

Que enforcastes muita gente?
Mente quem tal coisa diz:
Gabriel os enforcava,
Que eu com estes olhos vi.

E verdade, que gostavel
Vós mesmos de vel-os ir;
Sós amigos de enforcados;
Ter-lhes odio, isso é que é ruim.

Esse povo é muito besta;
E não sabe distinguir,
Que o ser amigo é virtude,
E o vicio é não ser assim.

Cada qual gosta o que gosta;
Um carneiro, outros perdis;
Vós, um quarto de enforcado,
Eu, um quarto de pernfil.

Em gostos não ha disputa;
Dai ao demo o povo vil,
Que até nos gostos se mette
A ser dos gostos juiz.

O querer não tem razão,
Que a vontade é mui subtil;
E assim, por onde quer entra,
E talvez não querer sair.

Cada um quer o que quer;
Não há nisso que arguir;
Fez Deus as vontades livres,
Prendel-as, é frezeim.

Sós amigo de enforcados:
Quem vol-o pôde impedir?
Oxalá foreis amigo
De levar o mesmo fim!

Ora vamos á farinha:
Foi pouca, cara e ruim;
Mas vós, não sós sol, nem chuva,
Para haver de a produzir.

Eu confesso que houve fome,
Governando vós aqui:
Sós mofino; e por mofino,
Ficou mofino o Brazil.

Ser mofino, não é culpa,
A fortuna o quiz assim;
Quem é mofino comisso,
Com os mais ha de ser feliz?

Não vos mandou governar
Eirel farinhas aqui,
As carnes, nem os peccados;
Porém a força, isso sim.

Valha o diabo a vossa alma,
Cabellos de colomim!
Mandou-vos eirel, acaso,
Desgovernar o Brazil?

Mandou-vos acaso eirel
A Sodoma? Ou ao Brazil?
E se não estais em Judea,
Quem vos metteu a Rabi?

Ora ide-vos com os diabos;
Que não quero já sair
A campo, por um
..... villão ruim.

Gregório de Matos
Assinatura de Gregório
de Matos

Ensaio sobre Gregório de Matos

MUCIO LEAO

I — LIRISMO E SATIRA

Houve em Gregório de Matos dois aspectos nítidos: cada um predominante em uma fase: o do poeta lírico e o do poeta satírico. Até os meados de sua vida, deve ter predominado nele a poesia lírica. E a fase de aceitação das coisas, da tranquilidade de alma e de coração, a fase na qual ele vai fixar-se em Portugal, estudar leis em Coimbra, trabalhar honesta e proficuamente, tornar-se o jurista de todos respeitado. Foi nessa fase que o encontrou o Padre Bernardes. Foi nessa fase que o suave oradoriano o viu, certo dia em que alguém propunha ao poeta aquele difícil mote: *1 mais formosa que Deus* — mote que ele, pondo os olhos no céu e lentamente cofando o bigode, glorou

Eu com duas damas vim
De uma certa romaria
Uma fela em demasia,
Sendo a outra um serafim.

E vendo-as eu vir assim,
Sós e sem amantes meus,
Lhes perguntei: "Anjos meus,
Quem vos põe em tal estado?"
Disse a fela, que o pecado:
A mais formosa, que Deus.

Deslumbrou-se Bernardes com essa décima, e mais tarde contou o episódio em uma das meditações da sua *Nova Floresta*.

Gregório deve ter sido um gênio propenso a essa espécie de sutilezas litero-religiosas desde os começos de sua carreira. Há uma outra glosa sua, igualmente espirituosa e sutil, em que o mote é esta outra blasfêmia: *Bebedão está Santo Antônio*.

Mas o poeta, que em 1653 se encontra estudando as suas leis em Coimbra, não é apenas um fazedor de tabelas versos improvisados. É um lírico, um apaixonado cantor das coisas de seus amores, da beleza e do encanto das muitas mulheres que ama. É assim, por exemplo, que ele vê uma dama dormindo junto a uma fonte, e porque ela dorme, toda a paisagem em torno mudece, se apaga, como que dorme, também...

Porém abrindo Sílvia as dois diamantes
Tudo a Sílvia festeja, tudo adora,
Aves cheirosas, flores ressonantes...

E não se diga que essa expansão de lirismo é o a possu na mocidade. É impossível mostrar, com exatidão rigorosa, a evolução do seu pensamento poético, porque ele não punha datas nos versos que escrevia. Há, entretanto, um dos seus mais belos e mais inspirados sonetos líricos que traz como dedicatória o nome de D. Maria do Povo, quando sua noiva. Quer dizer: é um soneto já de seus começos de velhice, sabido como o poeta casou tarde, quando andava em idade de avô. Mas ouça-se a peça a que nos referimos, e que parece constituir um eco de outra mais antiga, de um famoso soneto de Ronsard:

Discreta, e formosíssima Maria,
Enquanto estamos vendo a qualquer hora,
Em tuas faces a rosada Aurora,
Em teus olhos e boca, o Sol e o dia:

Enquanto com gentil descortesia,
O ar, que fresco Adonis te namora,
Te espalha a rica trança brilhadora,
Quando vem passear-te pela fria:

Coza, gora da flor da mocidade,
Que o tempo trata a toda a ligeireza,
E imprime em toda a flor sua pisada.

O, não aguardes, que a madura idade,
Te converta essa flor, essa beleza,
Em terra, em cinza, em pó, em sombra, em nada.

É em um dos seus sonetos líricos que encontramos certo pensamento que, pela sua extensão, pelo seu vago, pela sugestão esquisita que contém, constitui um dos mais belos versos de nossa língua. Retiramo-nos ao tecto de certo soneto em que o poeta procurava consolar Vasco de Sousa Paredes da morte de sua filha, e dizia-lhe:

— Um dia e eternidade da beleza.

O lirismo de Gregório de Matos tinha, não raro, uma manifestação filosófica, como o vemos naquele soneto acerca da instabilidade das coisas do mundo, no qual o poeta medita que

teñ qualquer dos bens por natureza
A firmeza somente na inconsistência.

Há, enfim, um outro aspecto do lirismo do nosso poeta, que cumpre fazer ressaltar: o da sua inspiração religiosa. Não foi ele um místico, nem para a união mística temos tendência nós, brasileiros, herdeiros de portugueses. Foi religioso, e sobretudo os dois sonetos dirigidos a Jesus Cristo, por ele feitos já no leito de morte, são peças das mais formosas que nesse gênero possui a nossa poesia.

II — A FORÇA DA REVOLTA

Mas nesse poeta apaixonado e ardente que tanto amava o amor, havia uma força irremovível de revolta. E, como sempre acontece, foi essa irremovível força de revolta que o conduziu à sátira, que o fez achar nesse terreno a sua realização literária mais poderosa, que lhe trouxe afinal o apelido flamejante — *Bêca do Inferno*. Esse aspecto de sua personalidade literária findou por assumir uma predominância excessiva, no julgamento dos críticos que o têm estudado, a ponto de um deles, e um dos mais sábios e capazes, Araripe Júnior, só querer ver em Gregório o satírico, chegando ao extremo de apontá-lo como um notabilíssimo canalha. Pouco mais nele viu José Veríssimo do que esse mesmo tipo do inadaptado, do sujeito que se coloca fora das leis morais: "Gregório de Matos é a mais perfeita e mais lustre expressão desse tipo essencialmente nacional, do qual foi e continua a ser a Bahia a fecunda progenitora, o capadocio. É ele o seu mais eminente protótipo..." (*História da Literatura Brasileira*, pág. 141).

Escrevendo antes de Araripe Júnior e José Veríssimo, Sílvia Romero pode compreender melhor o poeta balano. E eis como o retratou: "Se a alguém no Brasil se pudesse conferir o título de fundador da nossa literatura, esse deveria ser Gregório de Matos. Foi filho do país; teve mais talento poético do que Anchieta; foi mais do povo; foi mais desabusado; mais mundano, produziu mais e mais sentido mais nacional. O que me prende no estudo desta individualidade é a ausência do artifício literário; o poeta não vai por um caminho e o homem por outro..." (*História da Literatura Brasileira*, vol. 1.º, pág. 173).

Os críticos mais recentes têm conseguido ver em Gregório de Matos alguma coisa mais do que o canalha que nele enxergou Araripe Júnior, ou o capadocio que nele encontrou José Veríssimo. E em nossos dias um crítico estrangeiro, Ernesto Feder, pôde traçar um curioso paralelo entre Gregório de Matos e Heine, mostrando como, senão na expressão poética, ao menos no rumo da realização da vida, são semelhantes os dois destinos.

III — GREGÓRIO DE MATOS E AS ANEDOTAS

Para que assim avultasse a fama de poeta satírico de Gregório de Matos um outro elemento concorreu com os seus diabólicos versos — a imensa trama de anedotas que flutuou por ser a sua vida. O licenciado Rabelo teve o cuidado de guardar as mais picarescas dessas curiosas histórias. Eis algumas delas:

Havia Gregório de Matos escrito aquela temível Décima dedicada à Sé da Bahia:

A nossa Sé de Bahia,
Como ser um mudo de festas,
E um presépio de bestas,
Se não for entrebarra.
Várias bestas cude dia
Vemos, que o sino congrega,
Caveira, muita galega;
O Deão, burrinha parda;
Pereira, rocin de albarda,
Que tudo da Sé carrega.

Certo cônego não viu o seu nome na longa enumeração, e dirigiu-se a Gregório, para lhe agradecer a gentileza do esquecimento.

— Não, senhor cônego, vossa mercê não ficou excluído, disse-lhe o poeta. Não viu ali, no terceiro verso, as bestas? Pois vossa mercê é uma delas.

Essa crueldade, teve-a ele em vários outros lanxes de sua vida.

Certo dia encontra Rocha Pitta, o futuro historiador, que lhe pede uma rima para mim. Dá-lhe o poeta a única resposta que devia dar a um pedido tão tolo: — Póinha capim.

Nunca mais Rocha Pitta lhe perdoou essa crueldade.

Curiosa passagem foi também a de certo sujeito que procurou o poeta para fazê-lo patrono de uma causa que estava a mover contra o genro. Morreram-lhe a filha, e o marido desta a enterrara de capela e palma, publicando-a donzela. Sendo assim, o pai da moça queria reaver agora o dote que dera à moça, ao casá-la. Gregório arrazoou os autos com estes versos:

Gaita de fole, não quer tanger;
Olhem o diabo o que foi fazer.

O advogado do rapaz aproveitou esses versos, provou o ridículo do feito, e facilmente ganhou a causa. Era provavelmente o que desejava, no fundo da alma, o patrono do sogro ahyllagano.

De outra feita foi Gregório procurado por um frade que estava em extrema aflição. Um seu sobrinho, por haver furtado a naveta de uma igreja, ia ser sentenciado à morte. Desejava insistentemente que o poeta pusesse embargos a esse triste destino. Respondeu-lhe Gregório que nada podia fazer, porque tinha, naquele momento, também, um cuidado que muito o aborrecia. Desejava saber o frade que cuidado seria esse, pois talvez lhe pudesse achar remédio. Perguntou-lhe Gregório se não via, na porta da casa, uma cruz desenhada. Pôde vê-la o frade. Então o poeta disse-lhe:

— Essa cruz foi feita por Maria de S. Bento (era uma figura muito conhecida na cidade). Salu ela daqui há alguns instantes, e lá tão apoucada que fez este sinal na porta, indicando que nunca mais aqui tornaria.

Propôs-se então o frade a ir buscá-la, no caso em que Gregório, em recompensa, fizesse o arrazoado que ele pedia. E isso ficou combinado. Salu o frade, e não tardou a voltar com a mulher. Então, indignado, gritou para ela Gregório:

— Não foste tu, mulata ridícula, que fizeste aquela cruz, jurando por ela que nunca mais aqui voltarias? O que querias, era aqui tornar. Agora, vai-te, que quem te ordena sou eu: não tornes mais a pôr aqui os pés.

Feito isso, tomou Gregório dos autos que levava o frade, pôs nele as razões de defesa do rapaz que ia ser condenado à morte:

A naveta de que se trata
É de latão, não de prata.

Registre-se o episódio daquele juiz em Pernambuco...

Fôra, primeiramente, um pobre diabo, criado de certo sujeito que o tratava muito bem. Cresceu e prosperou, e um dia foi feito Juiz Ordinário na Vila de Iguarassú. Seu antigo amo, encontrando-o na rua, e ignorando que ele houvesse atingido a posição tão importante, chamou-o de nor. O Juiz, tomando o tratamento por falta de respeito, mandou autuar o imprudente, propondo contra ele um libelo crime o civil. Aflicto, o ex-pai do juiz pediu a Gregório que lhe patrocinasse a causa. E Gregório fez a defesa com estes versos:

Be a Deus se trata por tu,
E se chama a El-Rei por vós;
Como chamaremos nos
Ao Juiz de Iguarassú?
Tu e vós, e vós e tu.

Sim: esse estranho poeta não gostava de transigir com nenhuma afetação, com nenhum convencionalismo. Certo dia, em um engenho de Pernambuco, conversava ele com o abastado proprietário, e naturalmente se queixava da vida, que tivera sempre falha e pobre, sempre perseguida. O proprietário, bem instalado em sua fortuna, aproveitou a ocasião para uma boa tirada moralista:

— E' isto mesmo, doutor Gregório. Não sabemos somos os autores da nossa fortuna; colhemos aquilo que semeamos.

Retrucou-lhe Gregório que às vezes não é tanto assim, às vezes nós pagamos pela malícia com que erradamente interpretam um gesto nosso, uma nossa palavra...

Quer Vossa Mercê um exemplo? Olhe: ali vem aquele boi (e apontava para um animal no pasto) que só tem um corno, como vossa mercê está vendo. Mas se eu lhe chamar boi de um corno, Deus me livre da indignação do seu dono...

O fidalgo fez-se de desentendido, e não teve mais tiradas moralizantes para o impossível Gregório.

IV — GREGÓRIO DE MATOS E O MEIO BRASILEIRO

Nessas várias anedotas o que vemos é um espírito desprovido de qualquer hipocrisia, em luta com a hipocrisia dos outros. Foi esse, em uma palavra, o grande drama de Gregório de Matos. Imagine-se, para um espírito de sua sensibilidade, o que seria a condenação de viver numa terra como a Bahia dos fins do século XVII. E' do mesmo século a permanência que teve na capital da colônia um grande escritor português, D. Francisco Manuel de Melo. E que resultou dessa sua permanência aqui? Um livro que seria um látigo vibrado na alma brasileira — aquele *Brasil, Inferno de Brancos, Purgatório de Negros, Paraíso de Mulatos* — que o ilustre clássico nunca chegou a escrever.

Paraíso de Mulatos... era isso, em uma palavra a cidade que conheceu Gregório de Matos. Na Bahia desses primeiros tempos, o mulato era tudo. Era o filho querido dos ricos e dos poderosos, o filho dos amores dominantes, dos amores das negras, palácio e lucra dos sentidos lúscos exaltados. E como eles se multiplicavam, e como eram audazes, e como eram inteligentes, e como tudo sabiam querer e exigir! Um branco como Gregório de Matos, que chegasse para competir com tal gente, estava perdido. Tudo lhe era negado, para ser dado aos outros.

Na deserção que nos deixou da Bahia, a nota central que registra é a dos mulatos: *mulatos mulatos desavergonhados*. E é assim que ele começa a sua sátira famosa — à Gente da Bahia:

Não sei para que é nascer
Neste Brasil empastado
Um homem branco e honrado
Sem outra raça.

Terra tão grosseira e crassa,
Que a ninguém se tem respeito
Salvo se mostra algum gesto
De ser mulato.

Quanto ao português que para aqui vem. — o pobre de Cristo que em casa come baleia e na rua arrota manjares — merecem-lhe versos mais violentos ainda. Gregório pinta-o como o aventureiro, o ladrão, o boçal, Pinta-o também como o depravado, o viciado, o sodo-mita. E não penseis que é apenas o emigrante pobre e obscuro que ele fulmina em seus versos raios (como ele próprio os chama). Não: são os portugueses mais ricos, os mais poderosos, os mais capazes, de vinganças e castigos. E', por exemplo, o provedor da Casa da Moeda, Nicolau de Oliveira, que ele destrói com a poesia ferozíssima a que deu o título de *Mariniceiras*. Essa poesia é, por si só, uma formidável demonstração de talento satírico de Gregório de Matos, e é pena que o descomedido de sua linguagem a vede aos ouvidos mais delicados. Tecida em versos de 9 e 11 sílabas, para escrevê-la Gregório inventou um novo e estranho dialeto. Ouçam-se os versos de uma sua estrofe.

Catarina congilus era
Uma das avós da parte viril,
Dónde vem conxilarem-se todas
As congilundas do tal genezê.

Como o provedor da Santa Casa, os outros poderosos senhores da colônia recebiam as setas erradas desse destruidor de ídolos. E' sua vítima constante o governador Antônio Luit da Câmara Coutinho, aquele para quem o nosso poeta se tornou um plúrio — traçando dele um retrato absurdo, grotesco, e maravilhoso. E' sua vítima outro governador — Antônio de Sousa e Meneses, o famoso *Bracho de Prata*. E' sua

Ensaio sobre Gregório de Matos

vítima do desembargador Rato de Vaca. São no tantos e tantos outros magistrados, homens ricos, fidalgos, a flor inteira da colônia, pois

Que os brasileiros são bestas,
E estarão a trabalhar
Toda a vida, por manterem
Magnos de Portugal.

V — GREGÓRIO E A FIDALGUIA

Magnos de Portugal — ou mesmo do Brasil. Porque Gregório de Matos envolve no mesmo desprezo todos os sangues azuis — os de lá de fora e os de cá de dentro. E era assim, nessa língua mesclada e pitoresca, que ele satirizava certo fidalgo caramuru:

Um Payá de Monay bonzo brama,
Primas da Calafria do Pegú,
Que sem ser do Pequim, por ser do Açú,
Quer ser filho do sol, nascendo cá.

Tenha embora um avô nascido lá,
Cá tem três pela costa do Cafrú,
E o principal se diz Paragussú,
Descendente este tal de um Guinamá.

Que é fidalgo nos ossos cremos nós,
Pois nisso consistia o mór braso
Daquelles que comiam seus avós.

E como isto lhe vem por geração,
Lhe ficou por costume em sua teirã
Morder os que provêm de outra nação.

VI — EXPLICAÇÃO DE UM SATÍRICO

Como nenhum dos seus críticos futuros, Gregório de Matos tem a plena consciência desse drama que vive, desse desajustamento que existe entre a sua personalidade e o meio em que se acha condenado a viver. Ele reconhece que a sua sátira é uma fatalidade do seu destino.

Meus males de quem procedem?
Não é de vós? Claro é isso.
Que eu não faço mal a nada
Por ser terra e matto arisco.
Se me lança má semente,
Como queira fruto limpo,
Lança-a boa, e vereis
Se vos dou cachos opimos
Eu me lembro que algum tempo
Isto foi no meu principio,
A semente que me davam,
Era boa e de bom trigo.

(IV — Sátira, pág. 184)

E em outra poesia:

PUBLICAÇÕES DA ACADEMIA BRASILEIRA

CLASSICOS BRASILEIROS

I — LITERATURA

OBRAS DE GREGÓRIO DE MATOS

II — LYRICA



ALVARO PINTO, EDITOR
(ANNUARIO DO BRASIL)
RIO DE JANEIRO

Página de rosto do segundo volume da "Lyrica", de Gregório de Matos (edição da Academia)

Era eu em Portugal
Sábio, discreto, entendido,
Poeta melhor que alguns
Douto como os meus vizinhos.

E chegando a esta Terra
Logo não fui nada disto,
Porque um direito entre tortos
Parece que anda torcido.

(Idem, pág. 258)

Repare-se que uma das razões que devem ter sido mais profundas para esse desajustamento de Gregório de Matos foi o esquecimento em que no Brasil deixaram o seu talento, o seu saber de jurista. Em várias passagens de suas sátiras vemos transparecer a mágoa desse esquecimento. E é pena que o poeta não tenha podido tomar conhecimento da única homenagem que os seus saberes jurídicos mereceram no Brasil. Conta-se que quando ele faleceu, o ouvidor de Pernambuco disse:

— Já morreu quem entendia de Direito.

VII — PROBLEMA DA AUTENTICIDADE

Um dos aspectos sob os quais a obra desse poeta, hoje abundantemente publicada, deveria ser estudada, é o da autenticidade da autoria dos versos. Sabe-se que D. João de Lencastre, governador da Bahia (1694-1702) tinha em grande apreço a figura e o gênio de Gregório de Matos. Para que se não perdesse a obra do poeta, mandou recolher tudo o que na Bahia corria com o nome dele. É fácil imaginar quantas coisas apócrifas pôde ser introduzidas, nesse sistema desprovido de qualquer crítica, entre os seus versos. Dois depósitos, pudemos ter desde logo nesse terreno: o primeiro é o fato conhecido de terem os versos de Eusébio de Matos sido acrescentados aos versos do seu irmão Gregório. O outro é o que se prende ao caderno dos versos obscenos de Gregório de Matos, cadernos que, como se sabe, existe em cópias, nos arquivos da Academia Brasileira de Letras e na Biblioteca Nacional. Examinando esses códices, pudemos ver que numerosos sonetos, numerosos trabalhos neles existentes, já se acham impressos, correndo mundo no 7.º volume de Bocage. — Serão de Bocage mesmo? Serão de Gregório? Problema para sempre insolúvel...

VIII — GREGÓRIO DE MATOS, TRADUTOR

Há outro aspecto, na obra de Gregório de Matos, publicada pela Academia, que ainda merece exame: seria saber o que é de fato da autoria dele, o que não passa de tradução do espanhol. Sabido é que Gregório de Matos traduziu longamente Quevedo, como também traduziu Gongora, mestre de ambos. Sabemos também que essas suas traduções correm mundo sem nenhuma indicação de origem... João Ribeiro mostrou algumas dessas origens. O estribilho de Gregório — *Milagres do Brasil* não é mais do que a letreirada de Gongora — *Milagres de corte* son. O estribilho de Gregório

Deus me guarde não é mais do que o estribilho de Gongora — *Dios me libre*.

Os versos finais das estrofes da *Distribuição do Corno*, não igualmente de Gongora. Ainda restam numerosas composições que lhe foram inspiradas (se não por ele servilmente traduzidas) de Quevedo. E acaso não haverá, em sua obra, outros numerosos fortes reflexos?...

IX — GREGÓRIO DE MATOS, EXPRESSÃO DO BRASIL

A poesia de Gregório de Matos mostra, em flagrante, aquele momento em que se dá a primeira imensa mescla racial do Brasil. Nela se acham, em fusão e em confusão, as três expressões étnicas que vieram a formar o primeiro Brasil.

E o estilo do poeta, a maneira picaresca e calculada como ele se diverte em ver as coisas que cercam, atinge nesse ponto um colorido que nenhum outro poeta conseguiu depois. E o melhor exemplo disto é o famoso soneto bi ou tri-lingue, que aqui transcrevemos:

Há coisa como ver um Paisá
Mui prezado de ser Caramurá,
Descendente do sangue de tatu,
Cujo torpe idioma é Cobejá?

A linha feminina é Carimá,
Muquena, pititiga, curará,
Mingau de paba, vinho de café
Pisado num pilão de Pirajá.

A masculina é um Aricobé,
Cuja filha Cobé, é um branco Pahy
Dormiu no promontório de Passé.

O branco é um Marão que veio aqui:
Ela é uma índia de Maré;
Cobejá, Aricobé, Cobé, Pahy.

E afinal de contas, que representa toda essa sátira flamejante e indignada de Gregório de Matos? Representa o primeiro monumento da consciência brasileira dessa consciência que acaso já se deseja livre, que já se sente acaso livre da colônia. E realmente o Brasil desse maravilhoso século XVII está já muito distante da metrópole europeia. Vêmo-lo em coisas essenciais. Vêmo-lo na permanência em nossas terras americanas dos ideais contra os holandeses, enquanto nas terras europeias Portugal e Holanda trocam idílicos embaixadores. Vêmo-lo na permanência da luta contra os holandeses, luta mantida apenas por brasileiros, que levam a cabo a libertação de Pernambuco, enquanto em Lisboa o que se quer é a entrega dessa capitania aos invasores, já senhores dela. E vêmo-lo, mais que em tudo, talvez, no maravilhoso exemplo da vida e da poesia de Gregório de Matos, poesia e vida que são em si uma total afirmação do Brasil, um grito de protesto em prol da liberdade do Brasil.

NOTICIA SOBRE GREGÓRIO DE MATOS

(Cont. da 11.ª página)
novembro de 1671. Vem em Pegas, t. 7.º à Ordenação do Livro 1.º, título 87, pará. 24.
FONTES SOBRE GREGÓRIO DE MATOS

— Alves, Constando — Gregório de Matos, in *Satírica* (4.º e 5.º vols. das obras, edição da Academia) Mundo Literário, 5-7-924.

— Alves, Constando — Nota — in Obras de Gregório de Matos, Edição da Academia (Sacra) — 1929.

— Arquivo da Universidade de Coimbra — Notas sobre G. de Matos — in *Ultima* (sexto volume das obras, edição da Academia).

— Bento, Murilo — aut. bahnano — A Renascença (Bahia) — 27-9-1894.

— Barbuda, Júlio — Literatura Brasileira — pág. 123.

— Calmon, Pedro — A Vida espantosa de Gregório de Matos — Notas sobre Gregório de Matos — in *Ultima* (sexto volume das obras, edição da Academia).

— Carvalho, Ronald de — Pequena História — 98.

— *Jornal do Brasil* — Nota Biográfica em 19-10-1945.

— Lima, Oliveira — Aspectos da Literatura colonial Brasileira — III.

— Marques, Xavier — Gregório de Matos in *Graciosa* (3.º vol. das Obras, edição da Academia) — Rev. da Lit. Portuguesa — n.º 26.

— Mota, Ottonel — Conferência sobre Gregório de Matos — Revista da Academia Paulista, n.º 6.

— Mota, Artur — Hist. da Lit. Brasileira — Período de

Formação — pág. 464. — Rev. Acad. n.º 81.

— Paranhos, Haroldo — História do Romantismo no Brasil — 1.º vol.

— Peixoto, Afrânio — Editos e inéditos de Gregório de Matos — in Obras de G. de M., edição da Academia (Sacra) — 1929.

— Perdigão, Henrique — Dicionário Universal de Literatura, pág. 138.

— Pires, Homero — Gregório de Matos, poeta religioso, in Obras de Gregório de Matos, edição da Academia (Sacra) — 1929.

— Pires, Homero — Revista da Academia de Letras da Bahia, junho a dezembro de 1932.

— Rabelo, Manuel Pereira — Vida e Morte de Gregório de Matos Guerra, escrita pelo ilustre...

— in Obras de Gregório de Matos, edição da Academia (Sacra) — 1929.

— Ribeiro, João — Gregório de Matos e Manuel Bernardes Fagundes — Cartas devolvidas — III.

— Romero, Sílvia — História da Literatura — 1.º, 173.

— Romero, Sílvia e João Ribeiro — Manual da História da Literatura Brasileira — 27.

— Teixeira, Múcio — Revista Brasileira — 15-12-1896.

— Veríssimo, José — História da Literatura, 87. — Revista da Academia, n.º 7.

— Wolf, Ferdinand — Littérature Brésilienne — 17.

UMA BIOGRAFIA DE CASIMIRO DE ABREU

Nilo Bruzzi, o poeta encaixado de Dona Lua e de Luar de Verona, revelou-se ultimamente um dos mais autênticos críticos brasileiros. Em artigos do *Jornal do Comércio*, fixou ele figuras ilustres de nossa poesia, como Alphonsus de Guimaraens, Júlio Salusse, Gilberto Amado, Homero Frates, Aloísio de Castro, Valfredo Martins, etc.

Apaixonando-se pela vida de Casimiro de Abreu, empreendeu longos estudos em arquivos públicos, em arquivos de cartórios e de igrejas. E o resultado dessas aturadas pesquisas foi uma revisão completa de fatos e de circunstâncias. Tem Nilo Bruzzi, a estas horas já completo, um estudo biográfico de Casimiro de Abreu no qual os acontecimentos da existência desse grande poeta do nosso romantismo aparecem sob luz inteiramente diferente daquela em que até hoje os temos visto.

E' portanto com justa curiosidade que aguardamos esse seu trabalho.

Autógrafo de Gregório de Matos (Apud "Ultima", edição da Academia)

A VIDA DOS LIVROS

MORAVIA. Alberto — *Os Indiferentes* — Tradução de Alcântara Silveira — Coleção Oceano — Instituto Progresso Editorial. São Paulo, 1948, 271 páginas.

Alberto Moravia é entre os autores jovens da Itália um dos que já conquistaram fama e glória. Ao lado de poucos outros — João Comisso, Arturo Loria, Conrado Alvaro e Orio Vergani, é hoje o representante da bela e sonora prosa italiana. Alberto Moravia é o mais moço desse grupo. Nascido em 1897, Alberto Tinchieri (que este é o seu verdadeiro nome) ainda não tinha trinta anos quando firmava, em sua pátria e fora dela, seu invejável renome.

Foi com efeito este romance — *Gli indifferenti* — aparecido em 1929, que impôs a todos os leitores o nome do jovem Moravia.

A quem lê estas páginas uma impressão fica, profunda, dolorosa e revoltada: a impressão de que chafurdou por alguns momentos em um lamaçal tóxico e podre. Não é que Moravia pertença ao grupo dos escritores sujos ou pornográficos. Nada disso. Ele é, como escritor, discreto e fino, e percebemos que despreza os efeitos fáceis das descrições ou das narrações amorosas ou sexuais. Mas que pessimismo atroz o dele! Como a paisagem moral dos seres humanos, vista pelos seus olhos, pintada pela sua pena, se torna medíocre, mesquinha, sórdida! Longe Carlyle, com a sua representação satírica dos homens como um rebanho de porcos, da vida como um grande, um infinito cocho. Longe Anatole France, com a sua ideia de que a humanidade é um simples apodrecimento superficial do planeta. Pessimismo — mas pessimismo sem remissão — é aqui, é com Alberto Moravia. Toda a humanidade que se move em *Os Indiferentes* é pequenina, é vil, e só tem uma razão para viver e para agir: é a satisfação de um egoísmo mudo e torpe. E assim Leo, o centro de toda esta história, o amante da mãe, que acaba conquistando a filha; é assim Clara, a menina que conquista para si o amante de sua mãe; é assim Maria da Graça, a mãe de Clara, fácil e dócil diante das mais difíceis situações morais. E é assim, sobretudo, Miguel, tão consciente de sua fraqueza, tão incapaz de reagir contra ela, achando-se ridículo, sendo ridículo, toda a vez em que pretende operar contra ela qualquer reação.

Moravia parece ter tido neste romance a sua hora de maior realismo, de pessimismo mais atroz. Sua evolução de escritor parece se vir processando num sentido de mais caridade pelos seres que descreve, pelos ambientes que pinta. Antes assim. Ao findar a leitura de seu *Os Indiferentes*, depois de nos termos indignado com a frieza tão egoísta de Clara, com a abulia tão desprezível de Miguel, vem-nos à memória aquela meditação melancólica de Maeterlinck: "Si j'étais Dieu, j'aurais pitié du cœur des hommes."

IVO, Léo — *Ode ao Crepusculo*. Pongetti. Rio, 1948, — 107 pág.

Léo Ivo é um caso raro de fecundidade literária. Nasceu em 1924, e conta portanto apenas vinte e quatro anos. Nesse avoacore de sua vida, já nos deu cinco livros, sendo três de versos — *As Imaginações* (1944), *Ode e Elegia* (1945), e esta *Ode ao Crepusculo*; e dois romances — *As Alianças* (1947) e *O Caminho sem aventura* (1948). Isso é apenas uma parte de sua atividade, pois ele escreve todos os domingos nos suplementos literários da imprensa carioca, redige dois ou três jornais, dirige uma revista

de estudantes na Faculdade em que termina o curso de Direito.

E toda essa força, toda essa energia, se contém num físico que aparenta ainda mais mocidade do que a de Léo Ivo. Ele é um desses homens felizes que estão sempre na adolescência. Quem o vê, realmente, ágil, risonho, desembaraçado, expansivo, pensaria antes estar vendo um colegial. Ito, no momento atual talvez lhe pareça desagradável. Mais tarde, se ele conservar esse privilégio, verá como lhe foram bons e amáveis os deuses...

Ode ao Crepusculo é uma vasta, ardente sinfonia, e nela o poeta se agita em sua plena e indômita liberdade. O tempo imita as ondas — diz Léo Ivo, iniciando essa imensa orgia verbal. E não é somente o tempo que imita as ondas, poderíamos dizer-lhe: é também a poesia. Pois nada mais semelhante ao movimento dessas ondas do que o movimento dessa Ode: ora crepê e altanada, ora doce e tranquila, ora blasfema, ora religiosa, ora densa de lubricidade, ora inocente como um sorriso de criança. E realmente uma grande orgia de palavras, de cores, de intenções. Basta dizer-se que a palavra *hora*, na segunda parte desta elegia, vem empregada cerca de setenta vezes! E isso somente em duas páginas do livro. Léo Ivo adotou de uma vez o processo das repetições, e está dando quinquas em Augusto Frederico Schmidt.

E nessa enumeração quanta coisa profunda, trágica, ou simplesmente pitoresca. Vejamos algumas delas:

... Hora de dar corda no relógio — o tempo está em minhas mãos, estou apto a precipitar a noite...

... Hora de servir à gratidão do tempo abolido; de usar copos de borrracha e edificar o meio dia...

... Hora das providências higiênicas; dos seios nus e dos movimentos isométricos...

... Hora em que o mês de abril é um guarda-chuva aberto...

... Hora em que os elefantes discutem o esplendor da canícula...

... Hora da escrituração mercantil, do sangue reativado, das músicas enforcadas;

... Hora de cultivar os cogumelos da dúvida, de ser amordaçado...

Citamos essas imagens, entre milhares de outras. Agora nos perguntamos: Será isso, realmente, essa catadupa de sons e de metáforas, a poesia? Ou a poesia não é, antes, medida,

harmonia, concentração, cristalização?...

SHAKESPEARE — *Macbeth*. Rei Lehar. — Traduções de Artur Sales e J. Costa Neves. Prefácio de Artur de Sales. W. M. Jackson, Inc. Rio, s.d. (1948). 306 pág.

É dedicado a Shakespeare o volume X dos Clássicos Jackson, e traz duas peças: o *Macbeth*, na tradução de Artur Sales, e o *Rei Lehar*, na tradução de J. Costa Neves.

Ambas essas tragédias têm mais de uma tradução para a nossa língua. Do *Macbeth*, sabemos da existência da tradução portuguesa de Domingos Ramos (Chardorn, Porto); de uma brasileira, devida a F. Pinheiro Guimarães, que foi representado por João Caetano; de outra brasileira, a que se refere Onestaldo de Pennafort em sua edição de *Romeu e Julieta* (pág. 275) a qual vem sem nome de autor. Do *Rei Lehar* sabemos da existência das duas seguintes (portuguesas ambas): de Domingos Ramos (Chardorn, Porto, 1915); e de adaptação em 7 quadros e em versos de Júlio Dantas (Lisboa 1905). Fragmentariamente, lembriam-nos que existem trechos de uma e de outra traduzidos por grandes poetas nacionais, inclusive por Olavo Bilac. Como se vê, é muito pouco. Isso mostra que é urgente a criação em nosso país de uma sociedade shakespeariana, a qual promova a tradução, com um critério uniforme, de toda a obra do máximo poeta da língua inglesa. Já temos, de resto, o trabalho muito bem iniciado: é difícil imaginar traduções mais perfeitas da que sejam aquelas que nos deram há alguns anos Tristão da Cunha, do *Hamlet*, e Onestaldo de Pennafort, do *Romeu e Julieta*. Se chegasse a ser fundada no Brasil uma Sociedade Shakespeariana, nos moldes que imaginamos e com o programa da tradução da obra integral do poeta, os dois trabalhos — o de Tristão da Cunha e o de Onestaldo de Pennafort — já poderiam ser adotados como modelos.

A tradução de *Macbeth* é em verso, e havia sido anteriormente divulgada na imprensa do Rio de Janeiro, e **AUTORES E LIVROS**, em suas colunas da primeira fase, teve ocasião de publicar-lhe uns trechos. Artur de Sales é um dos poetas mais representativos da Bahia nos últimos tempos, e ali viveu sempre dedicado ao estudo. Existe e con-

tinuará sempre a existir uma vasta, intransponível barreira, que isola os Estados do Rio de Janeiro. Essa barreira afastou o poeta dos meios literários cariocas, e por isso o seu nome não chegou a ter em nossos jornais e em nossos círculos a repercussão que era acaso devida nos seus reais méritos de poeta e de estudioso. A sua tradução de *Macbeth* revela aquele amor da mais exigente perfeição, que distingue os artistas.

LIVROS RECEBIDOS

— Academia Brasileira de Letras — *Discursos Acadêmicos (1944-1946)* — Vol. XII — 1948 — Publicações da Academia Brasileira — Rio de Janeiro.

Encerra: Recepção do sr. Luiz Edmundo: I — Discurso do sr. Luiz Edmundo; II — Resposta do sr. Viriato Corrêa. — Recepção do sr. Rodrigo Otávio Filho: I — Discurso do sr. Rodrigo Otávio Filho; II — Resposta do sr. Pedro Calmon. — Recepção do sr. A. Carneiro Leão: I — Discurso do sr. A. Carneiro Leão; II — Resposta do sr. Barbosa Lima Sobrinho. — Recepção do sr. Viana Moog: I — Discurso do sr. Viana Moog; II — Resposta do sr. Alceu Amoroso Lima. — Recepção do sr. Peregrino Júnior: I — Discurso do sr. Peregrino Júnior; II — Resposta do sr. Manuel Bandeira. — Recepção do sr. Roberto Simonsen: I — Discurso do sr. Roberto Simonsen; II — Resposta do sr. José Carlos de Macedo Soares.

— *Arquivos* — Revista bimestral publicada pelo Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Saúde, Ano I, n.º 2 — Março-Abril de 1947. Diretor, José Simão Leal. 321 páginas.

— Azevedo, Fernando de — Professor da Universidade de São Paulo — *Canais e Engenheiros na Vida Política do Brasil. Ensaio sociológico sobre o elemento político na civilização do Açúcar* — Instituto do Açúcar e do Alcool — Rio de Janeiro, 1948, 243 pág.

— Corrêa, Roberto Alvim — *Antes e Depois. Ensaio Literário*. Livraria José Olympio, Rio, 1948, 280 pág.

— *Cadernos Dominicanos de Cultura*. Mensário, Ano V, n.º 60 — Agosto 1948, vol. V. Encerra: Flórida de Nolasco — *El Momento Místico*; José Brell — *La Verde Sombra* (Teatro); Mariano Lebron Savignon — *Tres Poemas*.

— Cunha, Zurel — *Sombras no Coração*, s.l.n.d. (Cidade do Salvador — 1948?), 139 páginas.

— Dantas, Olavo — *Damas do Naipo do Amor* (Romance) — Capa de Osvaldo Teixeira —

Irmãos Pongetti Editores — Rio, 1948, 233 pág.

— Dickinson, Thomas H. — *História da Literatura Norte-Americana*. Coleção Mineira. História Literária, III — Tradução de Rómulo Barbosa — Instituto Progresso Editorial S. A. — São Paulo, 1948, 432 pág.

— Donato, Mário — *As Cidades do Tio Vicente* — Continuação do "Sargenteiro" — Instituto Progresso Editorial S. A. — São Paulo, 1948, 127 páginas.

— Melo, Tadeu e H. — *O Coar da Sidera* — Editora Brasileira, Ltda. — São Paulo, 1948, 268 pág.

— Mas, Pedro Luiz — *Delírios*, Rio de Janeiro, 1948, 70 páginas.

— Matos, Valdemar — *A Bahia de Castro Alves*. Segunda Edição — Instituto Progresso Editorial S. A. — São Paulo, 1948.

— Mussolini, Raquel — *Minha vida com Benito* — Coleção Meridiano, 8 — Instituto Progresso Editorial S. A. — São Paulo, 1948, 34 pág.

— Pimentel, Cyro — *Poemas* — Cadernos do Clube de Poesia — São Paulo, 1948, 34 pág.

— Reis, Ernani — *Em defesa do Congresso* — Comentários do lido ao Microfone da Rádio Nacional, PRE-8, Rio, 1948, 16 pág.

— O.I.E. (Seleção de Notícias) n.º 22, Outubro, 1947 — Madrid, 11 pág.

— SBAT — *Boletim*, Ano XXVII, n.º 248, Dezembro de 1948. — Martins Penna, o verdadeiro criador do teatro brasileiro. Edição comemorativa do seu centenário. 25 pág.

— Tabajara, Nelson — *Da Tabo ao Arranha-Céu* (A encruzilhada nacional). P.E.N. Clube do Brasil Editora. — Rio, s.d. (1948), 129 pág.

— Taunay, Visconde de — *Céus e Terras do Brasil. Viagens de Oitocentos*. Passagem brasileira. — Edições Melhoramentos. São Paulo, 1948, 229 páginas.

— Flaubert, Gustave — *Educação Sentimental* — Tradução de Miriam de Lacerda Soares. — Edições Melhoramentos. São Paulo, 1948, 38 pág.

— Ferreira, Antônio — *O Cardal Sereia* (Um Grande Imãno) — Laboratório-Vinos — Editorial Domingos Barreira — Porto, s.d. (1948), 175 pág.

— Soares, José Carlos de Macedo — *O Espírito do Inamoral*. Discurso Pronunciado no salão solene em homenagem ao Embaixador João Neves da Fontoura na sede do P.E.N. Clube do Brasil. Ministério das Relações Exteriores. Serviço de Publicações — Imprensa Nacional, 1948, 12 pág.

— Soares, José Carlos de Macedo — *Santa Antônio, autor da Imitação de Cristo*. Oratória (Continua na pág. 22)

Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco Limitada

Telegrama: COPER — Caixa Postal: 487
Caixa recebedora e distribuidora do açúcar de produção das usinas do Estado pelos centros de consumo do país e do exterior
ARMAZENS PRÓPRIOS PARA RECOLHER: AS
RUAS DO BRUM N.º 246 E GUARARAPES N.º 113

Capital subscrito Cr\$ 4.966.100,00
" integralizado Cr\$ 4.877.200,00
Fundo de Reserva Cr\$ 986.466,70

RECIFE — PERNAMBUCO — BRASIL
Escritório no Rio de Janeiro: Rua da Candelária, 9 - s/201
Em São Paulo: — Rua Álvares Penteado N.º 180 s/509

O ano passado registrou a Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco uma produção total de 8 milhões de sacas de açúcar, a maior safra ainda verificada em qualquer zona açucareira do país.

A nova Diretoria da Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco está assim constituída:

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO — José Pessoa de Queiroz, Presidente; Armando de Queiroz Monteiro, Secretário; Luis Inácio Pessoa de Melo, Tesoureiro; Manuel Caetano de Brito, Diretor; Manuel Maroja, Diretor.

CONSELHO FISCAL — Membros efetivos: Júlio Queiroz, Leônicio Araújo e Romero Cabral da Costa; Suplentes: José Lopes de Siqueira Santos, Afonso Freire e Enock Maranhão.

AUTORES E LIVROS

Propriedade de Mucio Carneiro Leão
ASSINATURAS

Assinatura anual com registro Cr\$ 80,00

Endereço:

Rua Fernando Mendes, 7-12.º and. — 37-9527
RIO DE JANEIRO, BRASIL

Distribuidor para todo o Brasil: Leônidas Lacerda — Praça Marechal Floriano, 55 — 2.º andar. Fone: 42-5823.

Impresso nas oficinas da Editora Mory Ltda.

Assinaturas e números atrasados

As assinaturas podem ser tomadas nos seguintes pontos (além da redação):

— Avenida Almirante Barroso n.º 73, 13.º andar — Fone: 22-9081, ramal 20. Tratar com o Sr. João Pinheiro Neto.

— Av. Rio Branco, 4-18.º andar — Fone: 22-1931. Tratar com Eurico Cardoso.

— Faculdade Nacional de Filosofia — 4.º andar. Tratar com Artur Farias.

NUMEROS ATRASADOS: — Volume IX em diante — nos dois últimos pontos acima e na redação. Volumes anteriores (primeira fase) — somente na redação.

A SENTENÇA Breno Accioly

Sem poder libertar-se da aquela visão sentia-se amortalhado. Cansou-se de esfregar os olhos, de apertar as têmporas mas tudo continuava enegrecido como dantes.

Lá estava aquele remorso a verrumar-lhe a consciência, a roubar-lhe o sono, chupando-lhe a face antes de torná-la lívida. Defronte estava a cama, o guarda-roupa, três malas de couro cru se alinhando de encontro à parede. Estava o lavatório com a sua bacia de louça. Estava a janela, onde tantas vezes ele ficava debruçado. Ainda estava o relógio, mudo ornamento, quebrado pelas suas próprias mãos como se essa bruta e impiedosa o tempo de marchar. Estava tudo isso e mais uma garrafa de cachaca, jogada no meio do quarto, vazia.

Major Tiopompo não podia distinguir nenhum desses objetos, nem mesmo vislumbrar o guard-roupa avançar para o teto tábuas envernizadas, semi-aberto, enforcando casações.

Se os ponteiros não estivessem quebrados, a pêndula poderia bater sincronicamente, emprestando um sinal de vida àquele silêncio de coisas mortas. Sim. Silêncio de coisas mortas pois a respiração do Major Tiopompo mal aquecia o nariz. Era uma respiração fraquíssima, fria como a de um peixe, lembrando a de uma pessoa que morre de velhice sem saber que está morrendo. Atingira o limite do sofrimento do Major Tiopompo.

Não era mais aquele desespero que lhe raiava os olhos de sangue, obrigava-o a entreabrir os beíços para deixar escorrer uma baba que lhe envenenava o peito. Não era mais aquela inquietação enloquecendo-lhe os dedos, aquele suor invadindo-lhe o rosto, colando a camisa aos cabelos do peito.

Começava Major Tiopompo a sofrer placidamente, sem nenhum gesto que pudesse denunciar a agonia do seu coração. Silencioso, mudo como uma pedra, apenas derreando-se à mesa, o braço direito apoiado na cabeça, a mão esquerda na mesma paralisia de seu braço jogado para trás.

No outro lado da mesa um castiçal empunhava um cotoco de vela.

As pernas do Major Tiopompo jogando as botas para a frente, as esporas roçando os tijolos como se fossem eles flancos de um cavalo.

Gradualmente deteve-se em todas as fases do desespero e, agora, seu sofrimento prostrava-o numa posição de bêbado, que nem dorme, nem sonha, nem se aproxima da morte. Tal como se se quisesse detê-lo numa fronteira que delimitasse esses quatro estados d'alma, apenas atingida por aqueles que experimentam o sabor do remorso. E era um remorso que judiava Major Tiopompo, obrigando-o a afastar-se da mulher, dos filhos, a esquecer-se dos negócios, como se tivesse me-

do que alguém pressentisse a causa daquelas três rugas que desciam pela sua testa.

Três rugas que surgiram na mesma tarde em que toda Sant'Ana do Ipanema foi procurar Melânia.

Melânia, a morta, a desvirginizada aos 14 anos, a fétida Melânia que ainda estava de pernas abertas como quando fora encontrada, três dias depois, no capinzal do Padre Bulhões.

Melânia, de quem os olhos serviam de pasto aos urubus, de quem o nariz era um formigueiro, entrando e saindo formigas numa labuta sem fim. A Melânia, de peitos mordidos, de ombros mordidos, de beíços mordidos como se aquele amor somente pudesse ser às dentadas. Melânia, a de vestido arreagado até a cintura, sem poder ver o clarão dos archotes, nem escutar que chamavam pelo seu nome, procuravam seu corpo que há três dias não era visto.

Foram os urubus que dearam a pista. Se não fossem os seus revãos em direção no capinzal, fausto festim de carnícia, ninguém teria suscitado e nada teria alertado a curiosidade de todos.

E então foi quase toda a cidade acendendo tochas de sebo porque no inverno o dia é curto. A meia légua podia-se ver urubus revoando, agourentos, aterrorizando, cêlere em direção ao capinzal, ganhando em seguida o espaço, nutridos de carnícia, digerindo entranhas podres.

Se o povo não camilhasse de depressa nada mais encontraria senão uma carcaça de ossos, uma caveira, restos.

Major Tiopompo foi uma das testemunhas. Suspeitavam de Davino, o sacristão. Encontraram no bauzinho de fardes de Melânia doze bilhetes, todos eles de amor.

Para que melhor acusação se ali estava a letra de Davino jurando amor ardente, paixão de levá-lo ao suicídio se Melânia não o aceitasse por marido? Para que melhor testemunho se o anel de Davino estava numa calheta de prata, na gaveta de Melânia? Se foi encontrado um décimo terceiro bilhete de Davino, suplicando a Melânia que pensasse bem, que não lhe rompesse o coração com aquela recusa? Para que mais provas?

Assim mesmo foram arrolados quatro homens que, de regresso às suas fazendas, por várias vezes viram Davino trilhando o capinzal, justamente onde Melânia era carne podre.

Uma dessas quatro testemunhas foi o Major Tiopompo, que nem pestanejou. Foi logo contando tudo, respondendo desembaraçado, conteste, feliz às perguntas do Juiz de Direito. Naquela noite uma garrafa de vinho do Porto ferveu-lhe o sangue. Dormiu sonhando com mulheres nuas, dinheiro estufando sacos de 10 arrobas, como Prefeito demitindo os inimigos, fazendo o diabo. Um grande.

Acordou mais disposto. Durante seis meses podia-

se ver o Major Tiopompo atravessar o largo da Igreja esporeando o "ruiso", torcendo as pontas do bigode, arrancando do colete branco o "cebolão" que marcava as horas em algarismos arábicos.

Mas em junho uma trovada desabou. E a terra, esturricada, virou lama. Uma lama que escorregava dos morros, lambia as ruas como uma língua enorme. Uma língua que não tivesse tamanho, de um palmo de espessura, transformando toda Sant'Ana do Ipanema num atoleiro. Pingos grossos vazando telhas que, há meio século, serviam de chapéu. A chuva e a lama aprisionando a cidade. Durante uma semana, cada casa era uma prisão.

Na Fazenda, Major Tiopompo começava a sentir uma tristeza amortecer-lhe os nervos, torná-lo lerdo, moroso. As suas pernas não estavam inchadas nem inflamadas as suas mãos, mas, ao andar, Major Tiopompo sentia-as chumbadas. Mesmo ao segurar a asa de uma xicara os dedos ardiam como se, em cada um deles, um panarício estivesse nascendo. E veio a insônia que lhe tirava o apetite,

prostrava-o durante todo o dia na cadeira de lona.

Nem a chuva, nem a lama tinham culpa daquela tristeza.

Longe de sua Fazenda, a trovada fazia estragos.

Apenas molhadas as suas terras se perdiam de vista, enraizando-se nas touceiras de milho, embranquecendo-se nos capuchos de algodão, dando selva a troncos que estendiam braços para frutificar pinhas enormes.

Qual a razão daquele sofrimento? Qual o motivo que o forçava a se distanciar dos filhos, da mulher, até mesmo do retrato que o espelho da sala lhe podia oferecer?

Aquela depressão aniquilou-o para sempre quando se viu forçado a trepar numa cadeira e enlutar o espelho. Agora sim. Podia passar defronte dele, olhar, cansar-se de ficar olhando-o porque, então, sem nenhuma luz, estava empretecido naquele pedaço de pano.

E Major Tiopompo sentiu os lábios se abrir, por um instante adocicados. Terrível engano!

Não demorou aquele remorso a recrudescer, a atravessar, de lado a lado, a ca-

beça, numa repetição de marteladas como se compridos pregos estivessem sendo batidos. Doloroso! Horrível!

Estive a ponto de gritar pela mulher, chamar os filhos. E no meio delas lavar aquela pódoa, desabafando tudo! Desabafando sem omitir nenhum detalhe, para que todos ficassem sabendo como seu pecado era negro. Depois, cair de joelhos diante da mulher, pedir-lhe perdão, enxugando as lágrimas em sua sala. Desfalecer. Pedir a morte.

Porém o Major Tiopompo estava sem forças, para demais para poder soltar um grito. Antes de cair tentou agarrar os ferros da cama. Tombou pesado como um fardo, ficando durante a noite estendido no chão, lembrando um homem que houvesse recebido um tiro nas costas.

Acordou tarde. Sol alto. E tremendo foi o seu esforço para conseguir arrastar-se até à mesa, ficar derreando na cadeira, as pernas para um lado, os braços para outro.

Naquela dia Davino iris ser julgado.

As duas da tarde o Juiz (Cont. na página 22)



procurem
NAS LIVRARIAS
OS GRANDES
ÊXITOS
DO "IPÊ"!

3 — GRANDES — 3 HISTÓRIAS DA LITERATURA

Attilio Momigliano
"HISTÓRIA DA LITERATURA ITALIANA"
Uma obra viva, de pura inspiração crociana, e uma das mais inteligentes e ousadas tentativas de interpretar a história de uma literatura como criação puramente etnica. — Cr\$ 33,00

Paulo Chestakewski
"HISTÓRIA DA LITERATURA RUSSA"
Panorama completo das letras russas, esta obra focaliza a complexa psicologia rusa e nos esclarece sobre uma das mais impressionantes manifestações literárias da história. — Cr\$ 73,00

Thomas H. Dickinson
"HISTÓRIA DA LITERATURA NORO-AMERICANA"
Trata-se de uma completa e atualizada história da literatura estadunidense desde sua origem até as modernas expressões de Faulkner, Saroyan, Hemingway, Huxley e outros. — Cr\$ 50,00

Uma
interpretação
de
MUSSOLINI
por
RAQUEL MUSSOLINI
"MINHA VIDA
COM BENITO"

...uma trágica mulher que não ambiciona escrever um documentário mas simplesmente a história de uma vida, de um casal, de muitas aventuras e muitas tristezas. Cr\$ 40,00

O LANÇAMENTO SENSACIONAL DE DEZEMBRO

Pelo Recbôlo Postal
IPÊ - Cx. Postal, 5521
São Paulo

Nome
Título
Endereço
Cidade

INSTITUTO
PROGRESSO
EDITORIAL S.A.

"SAO PAULO"
COMPANHIA NACIONAL
DE SEGUROS DE VIDA

Sucursal no Rio de Janeiro — AV. RIO BRANCO, 173, 16.º

DIRETORES

Dr. José Maria Whitaker
Dr. Erasmo Teixeira de Assunção
Dr. J. C. de Macedo Soares

ANTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORANEA

Segunda Série — Antologia da Prosa — XXVI — CELSO VIEIRA



Celso Vieira

BIBLIOGRAFIA DE CELSO VIEIRA

LIVROS:

- *Endimião (Diálogos e Aspectos)* — Tip. Leuzinger — Rio de Janeiro, 1919, 378 págs. — 2.ª edição.
- *Endimião (Diálogos e Aspectos)* — O Semeador — Brasília, 1939, 163 págs. — Lisboa, s.d. (1919) — 206 págs.
- *Defesa Social (Estudos jurídicos)* — 1920.
- *Varnhagen (O Homem e a Obra)* — Anuário do Brasil — Rio, 1923, 94 págs.
- *Anchieta*, Ed. Pimenta de Melo & Cia. Rio, 1930, 2.ª Edição.
- Foi traduzido para o espanhol (1945).
- *Para as Lindas Mãos* — Contos. Civilização Brasileira Editora. Rio, 1932, 163 págs.
- *Socialização Brasileira* — Rio, 1933.
- *Aspectos do Brasil* — A Noite Editora, Rio, 1936. — 205 págs.
- *Tobias Barreto (1839-1939)* — Estudo por... — Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro, 1939, 84 págs.
- *Estudos e Orações (Trabalhos na Presidência de 1940)* — Publicações da Academia Brasileira de Letras — Rio, 1941, 28 págs.
- *Manuel Bandeira, clássico e místico* — 1945.
- *Antologia de alguns contos brasileiros* — Livro organizado em colaboração com Mécio Leão e publicado nas línguas francesa e italiana.
- Artículos:**
- *Venus Camoniana*, em 3 capítulos, na revista *América Brasileira*, ed. de 1923.
- *Evolução do pensamento republicano*, ensaio publicado na obra *A margem da República*, ed. do Anuário do Brasil, 1924.
- *A ferro e fogo (conquista do Guarã)*, trabalho dividido em 6 capítulos, ed. do País, 1927.
- *Carlota Joaquina*, em 10
- *D. João VI, o fundador*, tese incluída no X vol., tomo II, 2.ª série, 1.ª parte, do Congresso do Mundo Português, ed. de 1940, Lisboa.
- Outros estudos publicados na "Revista da Academia Brasileira de Letras":
- *Medeiros e Albuquerque*, 1934.
- *Martins Junior*, 1934.
- *Coelho Neto*, 1934.
- *Rocha Pitta*, 1934.
- *Arte de Enrique Larreta*, 1943.
- *Alcides Maya*, 1944.
- *O autor de Canaan (Grã Aranha)*, 1944.
- *O segundo Roosevelt*, 1945.
- *Discursos e Conferências* — Na Academia Brasileira de Letras:
- *Discurso de recepção em 1934* (I — Tobias Barreto; II — Grã Aranha; III — Santos Dumont).

(Continua na pág. 24)

MARAVILHAS DO INSTINTO

CELSO VIEIRA

Como os elogios fossem apenas, entre os juizes daquela roda intelectual, para a inteligência destra e sagaz, atuando mecanicamente no espaço, lembrou alguém as maravilhas do instinto, que é a própria natureza vigilante, desde o torpor embrionário até a plenitude orgânica das nossas adaptações. A trepadeira, ascendendo em busca da claridade, a orquídea atralando os insetos à obra fecundante do pólen, a raiz desviando-se à cata de alimento são poderosos instintos vegetais. De que profundidade milenária não vêm eles, reinando sobre as espécies, por destino dos germes ou fixação hereditária de movimentos úteis aos indivíduos?

Um estudante de filosofia suspirou: — Lembremos o suave Bergson, meus amigos. Se o instinto pudesse refletir, diz o mestre, na "Evolução creadora", o alvorecer desta forma de consciência daria ao pensador a chave dos segredos últimos da vida. Mas a realidade instintiva é agir, somente agir...

— E a vida continua, obtemperou alguém, a propor os mesmos enigmas desesperadores à filosofia bergsoniana, enquanto as abelhas e as formigas, zombando talvez das cigarras, académicas do Colégio de França, perpetuam coletivamente assembranças, organizações monumentais.

O apologistas sábio do instinto, leitor de Fabre, interveio com displicência:

— Basta. Esses devaneios da metafísica sobre o instinto são desagradáveis, por absurdos. Vejamos o assunto à luz da História Natural; consideremos, através do nosso perfeito senso objetivo, os himenopteris paralisadores, a minúcia e delicadeza com que eles ferretizam, cirurgicamente, os centros nervosos das lagartas, das aranhas, dos grilos, das escaravelhos, sobre os quais desovam. Assim os deixam imobilizados, mas vivos, para alimento das suas larvas, que em outras condições não evoluiriam. Raros são os enganados, raríssimos, e ante a Scolia ou o Sphex tem fortes razões a cirurgia humana para guardar os ferros no estômago, perturbada e corando... Sejamos leais entre os insetos. Quantas celebridades médicas não invejam a perfeição operatória das vespas?

Então celebramos, à porfia, toda a exuberância e toda a agudeza do instinto maravilhoso em algumas espécies animais. Se a inteligência muniu o homem de instrumentos com que ele calcula as distâncias ou se põe a rumo, sem instrumentos fazem viagens muito mais longas os pássaros e os peixes, guiados só pelo instinto. A nidificação descoberta uma série de tipos arquiteturais e ornamentais, variando conforme as estações, a latitude, o clima, e na diversidade, na espontaneidade menuda desse labor, Michelet assignala como os Réaumur e os Huber, extasiado, um claro discernimento ou aquele instinto-milagre, capaz de se amoldar ao infinito sempre mutável das circunstâncias

e dos casos. Só o homem renunciou, intelectualizando-se depois da caverna, para ser mais feroz, ao poder sub-conciente e milraculoso.

— O divórcio entre o homem e a natureza, advertiu na roda um pintor de costumes gaúchos, não é absoluto como dizeis. Vive-se ainda belamente pelo instinto, mesmo em países cultos. Já ouvistes falar do "rastreador"?

Silenciaram todos, aguardando a revelação do campanheiro. Este sorriu, elucidou:

— Nada mais nada menos que um tipo do "Famundo", de Sarmiento, ainda hoje conservado entre as figuras características e tradicionais do pampa argentino. O "rastreador" supera em telmoisa um "detetive" da agência Pinkerton e no faro deixa vencidos os próprios cães policiais de Berlim, tão diferentes dos nossos, adquiridos pelo fidoado general Souza Aguiar. E' o instinto da caça humana elevado à potência máxima. Dickens, se o conhecesse antes da famosa página de "Oliver Twist", descreveria esse ramo da arte venatória, não deixando, por seu turno, de lhe seguir o rasto literário em trinta ou quarenta páginas imortais.

— Adiante.

— Um gaúcho "malo" assassina outro num rancho, sem testemunhas, à noite, e vai estrada fora, certo da impunidade, ussobiando ao luar. Muitas horas depois, ao amanhecer, chega o "rastreador", examina o local, descobre um vestígio, e marcha silencioso para o seu campo de operações — a uniformidade sem raias da planura verde. Por searas, pastagens, hortas, vilarejos, pontes, vai ele jorandando imperturbável, durante semanas, meses, anos, até que um dia estaca à porta de uma casa, entra, aponta um homem à justiça, dizendo tranquilamente: "aqui está o assassínio". E o criminoso tudo confessa.

— Admirável para as novelas de Sherlock Holmes.

— Existiu na provincia argentina um "rastreador" infatigável, Callizar. A despeito de todas as simulações, todos os disfarces, todos os esconderijos dos réus evadidos, esse homem lhes determinava a passagem e o rumo por um galho quebrado, uma impressão planar entre mil outras, algumas hervas borrifadas à margem de um arroio. Callizar, da época de Sarmiento, mas não esquecerei o caso atual da senhorita X... filha de estancieiro, que havia perdido na vastidão do Pampa um anel.

Foi chamado o "rastreador", e ao cair da noite partiu, sozinho, à procura da joia. Três dias esteve ausente, rojando no Pampa como se fora uma serpe, mas trouxe, afinal, o objeto precioso. Sabia como o tinha achado? Nas águas de um córrego distante. Que soberba vitória do instinto!

— Que farol disse-lhe outro. Mas pelo "rastreador", serpeando através do Pampa, não somente podemos oferecer o "cavador"

da cidade brasileira, como também o guia, sugestiva personificação do instinto. Nas minhas aventuras de aerianista — o que eu chamo com algum exagero a minha fase rondônica — tive certa vez um guia surdo, que, depois de jornadas longas horas à frente do comóio, se voltou misteriosamente para mim e advertiu: "Cuidado! Ai vem a onça..." Desprezei o aviso daquela surdez, incapaz de ouvir os meus gritos, quanto mais um passo obliquo e aveludado na espessura da mata virgem... Pouco depois, entretanto, passou o felino voraz: como estivesse ao alcance da espingarda, naquele mesmo recanto de selva o deixei prostrado. O guia sustentava que há três horas "ouvira", precisamente "ouvira" o andar sutil da fera entre os bambuais. Fingindo concordar, para não discutir aos braços com a vanglória humana daquela surdez, atribui deveras o milagre ao sentido olfativo. Não avallais como o instinto de orientação desses andarilhos perturba o raciocínio. Eles tiram diagonais inconcebíveis, ou melhor, intransitáveis, no labirinto de selvas onde os próprios gatos maracajás circulam penosamente ou incertos vagueiam: eles caminham sobre rianhas, barrancos, precipícios, torrentes, com a serenidade que não temos no alfalto do Rio, entre os automóveis.

Uma observação truncou a palavra ao narrador:

— Os instintos não só evoluem, como se aguçam, por vezes, quando a necessidade os localiza num sentido acessório, por deficiência de órgãos. E' assim que o tacto, na cegueira, apropria o instinto de orientação, e eu mesmo conheci outrora um cego, extremamente vidozo, com a ideia fixa de ocultar o seu infortúnio. Armado de óculos pretos, o infeliz, passava todos os dias, só, através da cidade tumultuosa. Ia e vinha placidamente, risonho, desculdado, sem que os transeuntes lhe suspeitassem alguma vez a cegueira. Deste modo lograva circular na sua treva com elegância...

— Quem sabe, aventurou, então, o poeta do grupo, se o prodígio das modalidades instintivas, desdobradas no espaço, não abrange por igual o tempo? Não será justo compreender o instinto aplicado à sucessão dos fenômenos, como se aplica em relações multifórmes à sua co-existência? A antiguidade nunca repeliu, por isso mesmo, a crença no instinto divinatório, e ainda hoje, fora da cartomancia urbana, topareis no sertão, agachada sob as palhas de coqueiro do rancho, entre farrapos, a mulher que adivinha, a mulher "boca de praga", desfachando angústias sobre a terrível ameaça de morte. Junto do brasileiro, os seus olhos cintilantes de miséria e loucura interrogam o tempo vindouro... Nós, filhos da Inteligência, perdemos todos esses maravilhosos instintos, deixamos atrofiar-se todas essas possibilidades orgânicas, dado o exclusivo trabalho das operações mentais, e os nossos esforços na legião

ção, na moral, na ciência, nos costumes, nos atos da vida quotidiana, desprendem cada vez mais o homem da zona instintiva, feita de simpatias e prosentimentos.

— Consolai-vos, amigos, retorquiu o filósofo, que voltara insidiosamente ao bergsonismo. Alguns dia, confirmando Henri Bergson, "o instinto desinteressado, conciente de si mesmo, apto enfim para refletir o seu objeto e se alargar, sem limites", o instinto fazendo-se intuição, nebuloso ainda, mas revelador, abre outras portas ao sonho e outros impérios ao saber. A faculdade estética, apreendendo "a intenção da Vida", é já um relâmpago na sumidade neoveista, a primeira forma de conciência do instinto, acima das percepções normais, e vós, artistas, sois os grandes instintivos deste momento universal. Vós conheceis fora da Inteligência, para empregar a linguagem do mestre adorável, e o esplendor supremo do instinto é a obra de arte.

Iamos separar-nos envidados, quando o mais idoso da roda comentou:

— Da animalidade à metafísica não foi pequena a viagem. Esqueceis na vossa logomacia, porém, o instinto das coletividades nacionais, a sagrada força que nos vai despertando inconscientemente para a defesa. Se há maravilha no instinto, é a dessa reação contra o pacifismo intelectual, cujo veneno imobilizara o nosso Brasil, atecando-lhe os centros nervosos, como fazem os grilos os himenopteris paralisadores, descritos nos "Souvenirs entomologiques" de Fabre. A esse instinto devemos submeter dignamente a nossa inteligência.

BIOGRAFIA DE CELSO VIEIRA

Nasceu no Recife, a 12 de janeiro de 1878, e é filho de Rafael Francisco Pereira e D. Marcellina Vieira de Melo Pereira.

Fez os preparatórios no Ginásio Pais Leme, do Pará, e estudou Direito na Faculdade do Pará e na do Rio de Janeiro. Exerceu os seguintes cargos:

Auxiliar do Chefe de Polícia do Rio de Janeiro, de 1907 a 1910; Diretor do Gabinete do Ministro da Justiça, de 1910 a 1920; Secretário do Tribunal da Apelação do Distrito Federal, desde novembro de 1930; Delegado junto ao Centro de Estudos Americanos em Roma. E' sócio fundador da Academia de Letras de Pernambuco; sócio correspondente do Gabinete Português de Leitura do Recife e honorário do Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro; sócio da Academia das Ciências de Lisboa.

Foi eleito em 20 de julho de 1933 para a Academia Brasileira de Letras, na sucessão de Santos Dumont. Foi presidente dessa instituição em 1940. E' comendador da Ordem de S. Tiago de Portugal.

Tem colaborado nos seguintes jornais e revistas: "O Diário", "Diário do Comércio", "O País", "Rio-Jornal", "Jornal do Comércio", "A Noite", "Kosmos", "Revista da Semana", "O Cruzeiro", "Ilustração Brasileira", "Revista da Academia Brasileira de Letras" (todos do Rio); "A Província" (do Recife); "A Província do Pará" (Belém); "A União" (da Paraíba); "Correio Paulistano" (de São Paulo), etc.

ANTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Segunda Série — Antologia da Prosa — XXVI — CELSO VIEIRA

O Ocio das lindas mãos

Celso Vieira

As tuas mãos indolentes, amiga minha, são modelos de arte e de ocio, que ninguém sabe se andam ou se dormem, pelos caminhos veludosos da mulher e do aspide, na lentidão com que passam, na languidez em que vivem. São como duas gêmeas quietas e adoráveis, filhas de uma preguiça lendária. A mais feia espécie animal, simbolizada em tuas mãos, parece ter produzido a mais linda espécie do mundo.

Quando o sol martela no zénith a hora candente do trabalho, meio dia, a manieira vem acordá-las para o banho, colorir-lhes o esmalte das unhas, recortado em lunulas, semelhantes às pérolas, de que se ornarn os dedos. E elas acordam, espreguiçam-se, buscam a ténidez cheirosa da água tateiam devagar, entre biombos e espelhos, a linha cúbica do teu corpo, a onda negra do teu cabelo, flamas de seda, névoas do renda. Que enlevo e que fúria!

Molemente, arrastam-se depois, à mesa, para o grão doutado e fumegante de cada dia. Vagamente, depois, manuseiam alguma revista de modas, o escriptor das joias, um álbum de retratos ou de tolices, uma cesta de vime, onde coloco-nas bagatelas. Erram nos móveis finos de laca, pendem nas almofadas de veludo, sobem aos jarros, em que se oxila e se desfolha a magestade imperial dos cravos de Petrópolis, mais uma vez dormitam sobre as páginas do livro, que te reflete e possui, tagarela como a tua língua, estéril como o teu seio, vazio como o teu coração.

Aquecidas por um beijo do sol, estremunhadas, saem agora de cada para o jardim, onde aplaudes a cigarra, que tanto baila, desprezas a formiga, que tanto lida a teus pés. No artifício dos renques e dos tufos orlados essas mãos afugentam borboletas, visitam a concha de mármore das grandes cisnes, alvos e pássagos, indiferentes à tua passagem. Leda, Semi-mortas de cansaço, voltam do passeio as duas irmãs ociosas, e então, se a direita busca um dedal intacto, para bordar, ou uma pena virgem, para escrever, logo a esquerda protesta: "Não faças tal. Repousemos!". E as duas caem, inertes, no relevo macio do teu colo.

Mas nem as papoulas, flores do opio e do sono, dormem eternamente, sacudidas pelo vento irascível. Assim, quando pousas os cotovelos no rebordo estreito da janela, cuida ver agitados por êle os tuas mãos, pálidas flores sonolentas, cuja imobilidade exaspera a tua inquietação. Olhas a terra. Nada sentes. Olhas o céu. Nada te diz. Que tédio! Cansadamente, fechas de manso a janela. E outra vez arqueias os braços nús, bocejas, miras-te ao espelho, compões um sinal do face, uma dobra do vestido, um caracol desfeito. Que tédio! Se as tuas mãos acendessem, ao menos, o cigarro egípcio de

Tórtola, a dançarina louca, e nas volutas caprichosas de fumo azulado vissem entreaberto o lotus do sonho oriental... Se as tuas mãos cressem, ao menos, um pouco de harmonia sobre o teclado...

Vamos lá, preguiçosas, vamos atormentar os vizinhos no plano. Premem as teclas, são as cordas, e ao contacto dos teus dedos, ao estímul das palmas em cujas linhas foi traçado o teu destino suave — dormir —, Glück resvala num torpor musical, o estrepitoso List, cabeça e adormece, Brahms, desfalecido, mergulha no seu arroio lacteo, Chopin flutua e desmaia no seu halo noturno. Embebidas nesse perfume, quebrantadas por essa indolência, as horas não voam mais como alídes: vagam como sonâmbulas. O infatigável preguiça, que adormentas a própria música infatigável! Mensageiras do ocio, do sono, do nada, as tuas mãos envolvem, aniquilam na mesma letargia o que elas tocam.

De qualquer modo, porém, são tuas, e não de servir para alguma coisa à sua dona gentil. Se outras mãos laboriosas te vestem, é força que elas transportem a bolsa e o léque, embora a contragosto, no cinema, no teatro, no hotel, nos recantos mais ou menos umbrosos do teu Eden, onde não há frutos proibidos nem coleras dardelantes ou espadas de lume. Sem ideal, sem vigor, sem paixão, danças mais um tempo, mais um dia, mais uma noite... Porque tu és apenas, vivendo e bailando, o contorno e o momento da forma transitória, o desejo das coisas scintilantes e pueris, a alma rudimentar e valiosa, encerrada num breve casulo de seda.

Enfim, à noite, desprendendo-se do "rouge", do espelho de prata, do pó de arroz — o pó que sempre foste a has de ser —, as tuas mãos depõem a bolsa, deixam o léque, num gesto de enfado irresistível. Só duas vezes pecaram contra a arte nua de Phidias... calcando luvas. Podem agora dormir com serenidade, até ao meio dia, essas mãos fatigadas, que não socorrem um pobre, não vestiram uma criança, não levaram a Deus uma flor, apenas urdiram frivolidades, ornatos efêmeros do tédio.

O ocio das lindas mãos continua... E dizer que outras nasceram igualmente belas, mas foram pregadas na sua cruz, em silêncio, pela miséria implacável... Sentir que elas doem e sangram — mãos de operárias, de escravas, de mártires — para a evidência farfalhante do gozo e do luxo... Saber que nunca dormem na prece dos cláustros, na sombra dos hospitais, à margem dos campos de batalha, outras mãos religiosas e incansáveis... Não lhes conheces o esforço, a caridade, o sofrimento. E são tôdas essas mãos de mulher, vigilantes, madrugadoras, anônimas, doloridas no seu cativeiro, deformadas pelo seu trabalho, que te fecham a porta de outro do céu, amiga minha.

A idade pesava sobre o rei David, enublado-lhe os olhos ardentes e sonhadores, entorpecendo-lhe as mãos rugosas e trêmulas, que haviam sido tão destros no volteio da funda e na pulsação melódica da harpa. Já lhe era um tormento deixar, mesmo ajudado pelos escravos, o leito de ouro e de cedro; era-lhe já impossível, mesmo conduzido por sacerdotes e capitis, subir os degraus reluzentes do trono. Porque viessem os dias cada vez mais lúgubres, determinaram os conselheiros e camaristas buscar-lhe uma virgem, misto de flor e de chama, para lhe aquecer as mãos inertes, alegrar os olhos enevoados. Trouxeram-lhe a maior beleza virginal do reino, Abisag de Sunam.

Ora os dois príncipes rivais, Adonias e Salomão, filho este de Bethsabée, aquele de Hagith, e ambos filhos do rei-poeta, conceberam pela divina Abisag um amor invencível, capaz de tôdas as loucuras bíblicas — o grande amor judaico e sanguisento da casa de David.

Fascinada entre os dois, mas indecisa, por serem moços, fortes e belos, tendo cada qual o seu partido militar na corte, não se decidia a virgem por um deles. Sem desanimar os galanteios, as confidências de ambos, ouvia tudo com ares ingênuas, remirando o bracelete ou recompondo o véu, e apenas ciciava, formosa e esquivia: — Sou a humilde serva do rei.

Decifrador de enigmas, não tardou Salomão em decifrar o daquela esfinge: só um rei possuiria Abisag. E tão penetrante foi Adonias, que se fez logo notar pelo seu aparo e pela sua arrogância, como se as doze tribus o houvessem proclamado senhor de Israel e de Judá. Insolentemente, adquiriu esplêndidos coches reais, ajazeou um séquito oriental de possantes cavaleiros, e ao sair para a caça era precedido, anunciado por cinquenta batedores, que ao mesmo tempo corriam e clamavam:

— Deixai passar o rei Adonias!

Como o velho pai não o repreendesse, perdendo-lhe a audácia do feito pelo donaire do tipo, ele arqui-teou com os chefes da sua facção, o general Joab e o pontífice Abiathar, um pronunciamento sob a forma de banquete. Junto à pedra de Zoheth, sentaram-se os convivas, na sua maliciosa homens de armas, e profusamente beberam sobre o desmoronar das virtualidades, que ali fumegavam: carneiros, novilhos, aves gordas e tenras. Cada libação terminava por um grito sedicioso:

— Viva o rei Adonias! Para esse ágape não foram convidados os sectários de Salomão, entre os quais se destacavam o profeta Nathan, homem de barba infinita e voz rebocante como todos os profetas, e o guerreiro Banaías, filho de Jojada, um dos trinta e sete valentes do reino, matador de atletas egípcios e de lobos famintos. Durava ainda o repasto, quando o pro-

feta Nathan segredou a Banaías:

— Ou fazemos Salomão nosso rei, agora mesmo, ou estamos perdidos. Adonias mandará trespassar-nos à lança, por intriga de Abiathar e de Joab.

O caçador de leões, erguendo os punhos, teve um bramido tão doloroso, que as próprias feras estremeçaram no antro. Mas o homem das profecias não ignorava a escolha feita por David em segredo, o juramento do velho rei à Bethsabée, cujo filho, depois dele, e como ele assentara desde muito, deveria soberanamente reinar. Deslizando até à câmara de Bethsabée, nas sombras do paço, narrou-lhe o que soubera da conjuração, do execrável festim de Zoheth, e persuadiu-a com eloquência a procurar David, reacendendo-lhe a memória bruxesca.

Assediado pelas súplicas, pelas afáguas da tentadora de outros dias, o monarca dos salmos ordenou que Salomão enfraesce a mula real, seguisse para Gihon, e aí fosse ungido sem demora no tabernáculo. Soaram as trombetas, o povo de Israel e Judá conclamou:

— Viva o rei Salomão!

Estorpeavam por toda a cidade as clangores e as ovações. Presentindo a irru do novo rei, os convivas de Adonias empoleceram, fugiram...

Louco e branco de terror, o príncipe correu para o santuário vizinho, aterrorizou-se ao chifre que se retorcia, venerável, sobre o altar de Jehovah. Era o direito corno e sacro do siso, entre os judeus. Tremendo como as varas verdes do Líbano, sacudidas pela rajada, o príncipe não largaria o chavêlo, enquanto não lhe trouxessem o indulto.

Magnânima foi a sentença: Adonias era indultado por essa vez, mas pagaria a sua primeira maldade com a própria vida. Como o filho de Hagith, serpenteando, viesse beijar-lhe o degrau cúbico do trono, Salomão desviou daquela humidade os olhos fulgurantes, disse-lhe apenas com secura:

— Vai para tua casa.

Pouco depois, finou-se tranquilamente David, entre a velha paixão criminosa de Bethsabée e o lindo amor intacto de Abisag.

Na penumbra do seu retiro espiçavam Adonias, instigando-o à revolta, o pontífice Abiathar e o general Joab. Como podia êle, o herdeiro legítimo do reino, abandonar conscientemente os seus fôros, as suas ambições, os seus amigos? Não tinha êle a preferência do exército, acastelado nos muros inexpugnáveis? Dele não eram as afecções e os aplausos do

povo? Coragem, belo Adonias! Erguido pela vitória sobre um feixe de lanças, no teu carro de guerra, esmagarás os peleteiros e ceteros de Banaías. Destroarás o impudente e arrogante Salomão.

Assim falavam os dois conspiradores. Passivo e cabalisso, entretanto, Adonias silenciava, que não ouvia as palavras azedadas, violentamente desideradas como se fossem esdóas. O seu desejo voava para Abisag de Sunam, a colmaíra graciosa e esbelta do jardim real.

Não logrando romper-lhe a mudez, captivo para fins políticos a alma distante, fechada num bloco impenetrável de gelo, o pontífice romanejava um sarcasmo:

— E' incompreensível o teu medo. Sempre haverá um chifre a que se agarre na Judéia um príncipe rebelde.

Adonias continha o reflexo no silêncio das horas frementes e incipientes como tentativas de um vôo encarcerado. Salomão, ornado, sábio, justo, devia reinar sobre os homens com a voz dominadora, o lampeio dos seus olhos de água. Mas devia ceder-lhe, por isso mesmo, um pouco de luz na terra — Abisag de Sunam. Porque não faltariam a Salomão esposas e concubinas entre as filhas de Jerusalém, preciosas mulheres de outro clima e outro sangue, egípcias, moabit, idumêas. E êle, Adonias, sacrificando-lhe o direito de primogenitura, as suas esperanças e reivindicando...

CONTRA O FEMINISMO

CELSO VIEIRA

Apenas uma ideia me perturba: é a que o feminismo não vá extinguindo cada vez mais a beleza entre as mulheres, e cada vez mais repletando, por ellas, o desejo dos homens, como insinuou aquêle mesmo sociólogo Cino Bocchini, ao exibir uma série de fotografias horrendas — alhures em que o outro sexo havia perdido todas as graças, virando-se bruscamente sob a máscara dos nossos oficiais e das nossas preocupações. Então, de nobre terra sem idólas, não de fugir com espanto e horror, levando e caracis transbordante de rutilas frechas, para sempre inerte. A mulher: se pelo co de fogo não tornará, decerto, e passar no sonho dos adolescentes, intoxicados pelas ruínas de Babilónia. Esquecidas as líras, os clarins pontuam estridentemente que se aproxima o reinado da mulher de armas, tão diversa de Helena e de Aspásia — a martelada, insensível mulher de ferro das épocas vindouras.

(O Semeador)

Do illustre amigo e confidante
Mucio Lúcio
como humilhada afeição
Celso Vieira
 Autógrafo de Celso Vieira

ANTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORANEA

Segunda Série — Antologia da Prosa — XXVI - CELSO VIEIRA

RAINHAS DE BATALHAS

CELSO VIEIRA

A lança e a espada reinaram julidamente nos combates singulares ou no choque das massas guerreiras até ao prelúdio de Azincourt, onde os mosquetes de Henrique V, abatendo a cavalaria francesa os penachos mais ondulantes e gloriosos, deram começo ao império marcial dos explosivos. Era a primeira demonstração mortífera, em sucessivas descargas, do invento fradesco de Schwarz — a pólvora. O que pode inventar um frade alemão no seu retiro, entre a imagem do Senhor e o breviário.

Para os malfélicos que saíram da forja de Tubalcain — oficial de martelo e artífice em toda a qualidade de obras de cobre e de ferro, como lá diz a Bíblia — não sobejam volumes à História. Para as desgraças que vieram da oficina de lavas do Etna, onde Vulcano aprestava encomendas bélicas a heróis e deuses, não remanescem títulos à Cronologia. Mas todas as forjas, reboando, todos os vulcões, reacendendo-se por atualizar os mitos siderúrgicos, teriam quase enovado o prestígio das suas chamas, quase emudecida a potência do seu fragor, ante calamidades novas que deflagram na cela de frei Schwarz.

O reino da lança e do gládio, ainda que este não deixasse de simbolizar o comando — realidade tão diversa de uma e de outro com os seus mapas e telefones! — findava depois de Azincourt nos poemas, nos cancioneros, nos romances, logo se esvaia no fumo dos encontros decididos já pelo canhão. Ao tempo das rapas de Homero, límpido e sonoro tempo das armas brancas, seguira-se o das armas negras — o que havia de explodir, afinal, com as imprecações hugoanas a um canhão montado para o batismo de fogo, em 70, sob o nome de Victor Hugo. Vai, fere, mata, arraza! bradava o poeta, à fera apocalíptica, dardando os seus alexandrinos contra a marcha dos uhlans, que assediariam em breve Paris. Outros canhões venceram, não este, infelizmente para Hugo e para a França, mas o gênio francês deixava consagrada na epopeia dos nossos dias a arma negra. E alinhados sobre carréis, em baterias, ou avassalando os mares na blindagem das torres giratórias, os Krupp e os Armstrong sobrancearam alturas de Olimpo, entre o orgulho e o terror dos povos.

Reis da era mecânica e explosiva, cujos ideais alternam com as suas ambições e atrocidades, eles derribam, fulminam, esborraçam, descrevendo e ampliando a trajetória de um poder ilimitado. Mas, na batalha incomparável do Somme, nesse clarão de mil incêndios a lavrar como nenhum outro em plena História, por abismos onde o passado e o futuro combatem, não detiveram eles a soberania trovejante. Versão dos correspondentes ingleses, sob a tempestade, é que as rainhas da batalha foram as metralhadoras, acionadas pela energia de musculatura e de alma dos "tommies" até o cansaço extremo, em que

lhes pendiam os braços, inertes e doloridos.

Com os seus léques de varetas metálicas, os seus pentes de balas, correndo ao sol da primavera por aldeias, cidades, ruínas ensanguentadas, sobre montanhas de cadáveres, elas passavam, reluzem, desfecham a morte, sibilantes e ávidas, num turbilhão de fogo em que circulam dragões e sáurios fabulosos. Na disforme, repente anatómica industrial da guerra, desde os obuseiros aos "tanks", só essas máquinas fulvas, leves, girando por trincheiras como aparições de um só instante, disputam aos aeroplanos o esmero das linhas, a surpresa dos lances, a mobilidade alrosa e fácil. Pousam na terra impregnada de gases venenosos ou liquefeita em sangue, mas não se prendem ao solo revoltoso, e da fusão inicial diríamos que trouxeram algo, a brilhar entre cinzas, afóra um pouco de velocidade imponderável com que vencem distâncias a luz e o som — luz de álvoros das trincheiras, mas de clarins em marcha.

Assim deslizam, terríveis e faiscantes, as metralhadoras inglesas, que a História sagrou ardentemente rainhas da batalha. Depois das Amazonas, concebidas pela antiguidade helénica, e das Walkírias, ideadas pela antiguidade germânica, reaparecem a perspectiva da guerra em contornos femininos. No horizonte dos mitos, nevoento ou lúcido, eram visões fugitivas as senhoras do combate; hoje, são máquinas destruidoras, glorificadas pela necessidade humana de embelazar o círculo apavorante, insondável nas suas flâmas, intraduzível no seu clamor.

O espírito, como a espécie, tem obedecido a uma lei de fecundidade e renovação alegorizando a Vida em símbolos femininos: as horas para o tempo, as forças para a natureza, as leis para a ciência, as musas para a arte... Dominadoras ou graciosas, tais concepções envolvem a substância das próprias coisas, a essência dos próprios seres. Que milagre esperamos dessas rainhas fatais, erigidas e coroadas sobre o aniquilamento, em que ora se alarga o reino intangível das sombras?

Divisando-as por entre flores e chamas de primavera, lembramos o furor dilacerante e indomável das Erinias, reaparecendo agora, multiplicadas vertiginosamente, para de novo perseguir e atormentar milhões de criminosos. Filhas da noite, vampíricas, depois de haverem simbolizado a Aurora na lenda remotíssima dos arias, elas guardavam o culto da família, da lealdade, da justiça, das tradições, e onde fossem violados esses princípios ou sentimentos, a sua ira desacalmada bramava com a fereza implacável que atterrava os bons e os maus, arrancando ao gênio de Escílio o pavoroso anátema: cadeias infernais!

Como as Erinias, mordendo e rugindo entre novéis de serpes, violentamente perseguem abomináveis crimes as rainhas-guerreiras, servidas pela intrepidez

magnífica dos "tommies" de Haig. A nossa consciência vibra no seu furor, e o que varrem as suas balas é tudo quanto nos ameaça a liberdade moral e civil; despotismo asiático de Xerxes agitando o mar, opressão de castas mais insensíveis que o ferro das próprias armaduras, exercida em nome de sombrios ídolos, cruentos e vorazes, sob o largo manto púrpureo.

Destarte as rainhas exterminadoras, com os léques de varetas metálicas, os dourados pentes de balas, vão por trincheiras campos, lugares inundados de sangue, como se atravessem os jardins de suplicios e agonias do seu imenso domínio real. Vão entreando e abatendo — Erinias atuais — hordas ululantes de malfélicos, que ainda esperam a vitória sobre os despojos do mundo civilizado. Mas podemos já entrever, como pôde Atenas, a transfiguração esciliana das fúrias em Eumenides, soberbas e plácidas formas da Justiça, reinando sobre o destino dos homens, após o ferro e após o fogo, num santuário do Areópago.

Querendo fazer do próprio arco de triunfo um arco de aliança entre os povos guerreiros, Santos Dumont esperou, em vão, no amplo círculo de névoas, o pássaro azul da lenda, o Iris sobre a montanha, e apenas viu nas brumas do seu ocaso que os abutres voavam sobre os cadáveres. Acima dos vóos macabros, porém, flameja o nosso ideal na sua esperança e humaniza na sua audácia o lema dos aviadores contemporâneos: mais alto, mais longe, mais veloz. Mais alto, para a estratosfera, com a ciência de Picard. Mais longe, para os desertos do polo ou as montanhas da lua. Mais veloz, até onde? Rodeando quiméricamente os vóos, a cabreira, os anéis dos corpos astrais, desata-se o vóo alardeado dos romances de Wells, das fantasias de Maeterlinck, das estrofes de Luis Delino. — "Não se irá a uma estrela?" — indagava o poeta brasileiro, comitivamente, desvalendo no turbilhão dos sóis ofuscantes, na espiral das nebulosas indefinidas. Se alguém pudesse atingir o divino estelário com envergadura de águia mecânica, não deveria levar somente às estrelas o impulso dado pelo nosso compatriota aos voadores humanos, mas também a sua mi-

ragem de fraternidade universal.

Santos Dumont... Ainda longe da paz, longe dos astros, ouvimos-lhe o nome através das cidades tumultuosas, donde ressurtem gigantes de aço, modernizando a mesma ambição, que se petrificou e alula na arquitetura da lenda bíblica. Santos Dumont, libertador de suas inumeráveis — as asas invisíveis do semi-deus adormecido ou acorcentado no homem... Com a sua glória vão e revém o ideal soterrado nos destroços lendários de Babel. A empresa quimérica tornou-se o emblema contemporâneo, símbolo da nossa impaciência, jungida ao planeta, querendo violar o mistério infinito. Sob a fuga dos aviões ressoa a terra, como se fosse um orbe de cristal, e em vóos, pela atmosfera, e em ciclos, pela história, o elado gênio transiú na explosão de todos os dinamismos aéreos, no arranque de todos os pássaros humanos, que se elevam ou se dispõem com o mesmo vigor e à mesma febre da alma precipitada em abismos, hoje, para ascender outra vez, amanhã, no eterno desatino dos heróis aos céus.

(Discursos Acadêmicos, volume 8.º)

A SENTENÇA

(Continuação da pag. 19)

de Direito começaria a sortear os jurados. Tressandando a suor frio ficaria o salão do Juri, mesmo que fosse do tamanho de uma praça.

Quem deixaria de ver o sacrifício na cadeira de réu, de ouvir o promotor reverberando numa catilinária, se em Sant'Ana do Ipa-nema não existia outra divisa a não ser um circo, de ano em ano? Se somente na véspera de Natal a cidade tomava um ar festivo?

Um juri de um criminoso daquela espécie era a melhor diversão daquela gente.

Major Tiopompo, por sua livre e espontânea vontade, ficaria o resto da vida estendido sobre a mesa. Mas naquele remorso que lhe emagrecera os ombros, afinara-lhe os dedos, fizera desaparecer de seus olhos aquela força de íman — obrigava-o a deixar o quarto.

Dona Ingrácia, vendo-o tão pálido, indagou:

— Estás doente, homem? Por que não vais à cidade? Pede a Seu Coriolano um purgante.

Não se sentia bastante forte para desembuchar aquela história à sua mulher. Nem tão pouco aos filhos. Certamente o amaldiçoariam, cuspiriam de nojo.

Esperou que trouxessem o cavalo para escanchar-se na sela e partir numa desabrida louca. De ventas abertas o cavalo levantava um poeirão, suando, castigado pelas espigas, pelo chicote dando lapadas nas duas ancas. De crinas ao vento, vencida a talha, pulava céreas, deixando revoltas as águas do riacho. Talvez um "fordeco" não vencesse aquela distância em menos tempo.

Que máquina de carne era aquele cavalo. Agora martelando o calçamento de pedra, voando de rua acima.

Cem metros mais, a Prefeitura (onde se realizavam as sessões do juri), estava compacta, gente se equilibrando no peitoril de janelas, trepada em caixões de cebola.

Na cadeira de réu o sacristão absorto, indiferente a tudo aquilo, de cabeça caída como se descesse dormir.

Quando o Juiz perguntou onde estava o seu advogado, se tinha alguma declaração a fazer, Davino limitou-se a abrir os olhos. Nem uma palavra em sua defesa. Nem um gesto que pudesse assinalar a repulsa dos jurados.

Comum era o réu abrir a boca, coir num pranto de fazer dó.

Davino mais sugeriu um bronze que na cadeira houvesse sentado, um ornamento entre aquelas paredes borentas. Nem uma palavra, nenhum contração muscular ao ouvir as tremendas acusações que o escrivão lia nos autos.

Apesar do cavalo correr muito, quando o Major Tiopompo se apeiou, já haviam os jurados se pronunciado. Começava o Juiz a ler a sentença, citando artigos e parágrafos do Código Penal.

Pepé, Davino escutava a sentença de trinta anos, sem aperceber-se de nada, como se o que ouvisse fosse uma declaração de um prêmio que a municipalidade acabava de lhe conceder.

— Trinta anos — frizou o Juiz.

Nesse instante Major Tiopompo empurrava, acotovelava, praguejava aquela gente que lhe interditava a passagem.

Aos berros Major Tiopompo se acusou.

Conseguiu chegar ao salão. E de frente do Juiz pediu que a sentença fosse para ele. Para ele que havia amado Melânia, seduzido-a apesar dos seus sessenta anos, arrochando-lhe

o pescoço no momento em que o amor era orgasmo.

Então, Davino se enfureceu. Libertou-se daquela indiferença e protestou. Protestou como quem se vê roubado. Protestou impondo respeito à lógica. Fex ver que Melânia não se iria entregar a um velho como Major Tiopompo (— e apontou para o peito afiante do velho. Um velho careca que, de amor nada sabia. Entregou-se, sim, a ele Davino, que sempre amara, que daria a vida para obter aquele amor. E a todos convenceu alegando que, no bazuinho de flandres de Melânia, foram encontrados bilhetes que ele lhe escrevera. Novamente feriu o peito do velho com o dedo, afirmando: — Esse velho enlouqueceu.

Aquilo não podia continuar. Era um desrespeito à justiça. O Juiz reclamou silêncio. E fez um gesto a dois soldados da Polícia. Imediatamente os soldados torceram os braços do Major Tiopompo carregando-o para fora, aos empurrões.

Major Tiopompo não resistiu. Impossível sobreviver àquela injustiça.

Fôra Davino quem enlouquecera por não poder amar Melânia. Davino se convenceu ser o senhor de Melânia quando, na realidade, apenas em sonho ele a possuía.

E numa tarde, quando todos da Fazenda colhiam espigas verdes, para cangico de S. João, Major Tiopompo selou o cavalo. E foi-se, pela garganta de dois mortos, para nunca mais voltar.

A VIDA DOS LIVROS

(Cont. da página 23)

ção pronunciada pelo sr. ... como parafinista das diplomatas da Escola Normal e do Curso de Secretariado, do Externato São José, de São Paulo, aos 11 de dezembro de 1947. Tip. Maria Auxiliadora, São Paulo, 1948. 8.º. págs.

PAGINA DOS AUTORES NOVOS

XXIII - DEBORA LEÃO



Debora Leão

Debora Leão nasceu no Recife, é filha do Professor Laurindo Carneiro Leão e D. Maria Felicidade Carneiro Leão, e irmã de Mácio Leão. Casou-se com Otávio Pinto Simões, funcionário do Banco do Brasil na Capital da República. É pintora e poetisa, nunca tendo, entretanto, consentido em exibir seus quadros nem em publicar seus versos. Sua produção literária é toda de sonetos, gênero em que a poetisa se move com uma liberdade, e com uma atenção perfeitas.

Deus:

«Verdade palpável, evidente,
que a carne volta ao pó, à terra escura;
também o infinito prova claramente
a eternização da criação;

então, uma grande amor, e a dor ardente
não se corrompem n'uma sepultura,
evoluem-se num fluido transparente,
formam nossa alma delicada e pura.

Enamorada de longínquos céus,
sedenta de beleza e perfeição,
a alma presente, compreende Deus:

pois Deus é o nosso próprio coração,
está naquelas intimas troféus,
imunitados da putrefação.

Maternidade

Mulher: as leis eternas, absolutas,
te espantam quando a dor te dilacera
ou entranhas. Que importa, se executas
a tarefa mais nobre que te espera?...

Bendize tantas dores, tantas lutas:
amar não é somente uma quimera:
amam azas e flores impolutas,
há extremos no querer de uma panetira.

Vê a terra, tua irmã, nesta grandesa:
quantas vezes também sonhando fica
em flor, plena de luz e de beleza!

Pois a terra que é grande, bela e rica
deu-te com o seu exemplo a singeleza
da árvore que floresce e frutifica.

A criança e a nuvem

Como a nuvem menor que vi na vida,
sonhando um quadro verdejante e queto,
aqui e ali uma árvore florida,
o gurgulho do alegre passarão:

uma criança brinca, distraída,
no rio claro, em baixo do arvoredo,
vendo uma nuvem na água refletida,
joga na ribanceira seu brinquedo.

Este no rio, colhe a espuma à flux,
e vagando as mãos murmura: — "Oh! luz divina,
oh! creadora, poderosa, luz,

faça uma nuvem transparente e fina,
parecido comigo, pequenino,
para brincar por mim nos céus azuis!"

Nuvem leve

O céu também tem vista, tem paisagem.
Mudam as nuvens, mas, de quando em quando,
aparece a ligeira carruagem,
sem ninguém na boleia governando.

Não te lembras do alguém assim vagando,
sem guia, sem caminho, sem paragem,
dia e noite incansável, viajando,
sem conhecer o termo da viagem?

Não vês que a vida é frágil e inconstante,
que tudo é igual à nuvem linda e breve?
Até tua alma, pobre viajante,

sem saber onde vai, por onde esteve,
vibra e palpita pelo mundo errante,
até sumir-se como a nuvem leve...

O Amor

Porque constantemente ambicionamos,
se nada é nosso e tudo aqui deixamos?
Se desta vida a leve alma incorporara
não nos leva sequer vaga memória?

Amemo-nos, porque enquanto nos amamos,
felizes como os pássaros nos ramos,
esta doce emoção, mesmo ilusória,
vale mais que o poder, o luxo e a glória.

Só sabe quem perdido, trealocado,
amou profundamente e teve a sorte
de apertar contra o peito o peito amado

também ardentemente apaixonado.
Depois de tão esplêndido transporte,
que importa a dor da vida e a dor da morte?

Gota d'agua

Gota de orvalho que do céu desceste,
que este solo sombrio percorreste
em busca do oceano; mais formosa
voltarás n'uma névoa vaporosa.

para a sublime região celeste.
Mas, quisesse saber d'onde nasceste,
que planeta, que estrela grandiosa
formou a cintilante nébula

da tua origem; límpido, brilhante,
levas-me o pensamento bem distante,
enquanto o meu olhar profundo, imerso,

procura as vidas do teu seio errante,
encontra o velho, primitivo berço,
e o túmulo provável do universo.

Prisioneira

"Final o que eu sou? a vil escrava,
a triste prisioneira..." E os olhos crava
no espaço; adeja a borboleta, além
vôa o pássaro leve, vai e vem...

Até a pobre repulsiva larva,
no seu casulo imóvel cega, parva,
espera as azas pra voar também!
"Só eu não tenho o incomparável bem".

"Enquanto as borboletas entre as gazas
coloridas revoam, entre as branzas
da saudade murmuro o meu lamento.

Ah! quem me dera, desdobrando as azas,
cortando as nuvens, deslizando ao vento,
ir onde vai meu louco pensamento!"

Na multidão

Desfila ante os meus olhos o cortejo
de estranha e variada multidão;
quantos rostos acessos de desejo,
sedentos d'uma nova sensação.

Outros ostentam, sem pudor sem pejo,
o castigo imundo da devassidão;
outros, sombrios, órfãos do bafejo
da sorte, da ventura, da ilusão.

Procuo em todos, desvairadamente,
qualquer coisa que lembre o grande horror,
que se assemelhe, ao meu vagamente,

aquele imenso e desgraçado amor,
que transformou meu rosto resplendente
n'uma expressiva máscara de dor.

Indiferença

Gosto de olhar o céu, quando medito:
a formosa poeira do infinito,
nos luminosos raios de ouro e prata,
não sei que fluidos mágicos desliza,

que transforma o recanto que eu habito.
Tudo é grande, fantástico, bonito.
Tudo me chama, tudo me arrebeta
na linguagem remota, fria, abstrata.

No céu cai uma estrela; no jardim
desfolham-se as roseiras sobre mim;
do monte rola a pedra estarelada.

Eu compreendo. Tudo tem um fim,
tudo se acaba. E calma sossegada,
espero a morte, indiferente ao nada...

Exortação

Oh! vento amigo, escuta meus pesares,
minhas saudades como outrora ouviste,
minhas juras de amor, entre os palmares.
Oh vento amigo, da amplitude dos ares,

procura meu amado! Se o encontrares,
se acaso ele ainda vive, se ainda existe,
conta-lhe tudo, tudo quanto ouviste
da minha voz amargurada e triste!

Oh juriti, amoroso passarinho,
desdobra as asas, com teu líndo par,
vôa ligeiro, vai fazer teu ninho

no seu jardim! Ouvindo-te arruinar,
talvez ele recorde meu carinho,
talvez se lembre de me procurar.

Estrela da tarde

Linda estrela da tarde, resplandeces
como a rainha do estrelado céu.
Querida estrela, se este brilho teu
ouvisses minhas mágoas, minhas preces,

entendesse minh'alma, o grilo seu,
sempre chamando o ingrato que a esqueceu!
Ah se este apelo ouvisses e entendesses,
talvez no céu amai resplandecesses,

inda mais bela, aqui, ali e além,
correndo pelos límpidos espaços,
com luminosos rutilantes traços.

sempre ofuscando os olhos do meu bem,
até guiá-lo aos meus ardentes braços,
como a formosa estrela de Betlem...

Andorinha

É uma hora triste, acaba-se a tardinha.
Na areia fofa, trêmula andorinha
de azas quebradas, mira pelos ares
seu par, voando com outros líndos pares.

Ave ferida a padecer sozinha,
a tua dor é semelhante à minha:
companheira de tóxicos pesares,
quero cantar e rir até cantares,

e os nossos males passarão ligeiros.
Há de esquecer recônditas feridas,
há de sarar-te as azas doloridas.

Como os primeiros serão derradeiros
e os derradeiros não de ser primeiros,
as esquecidas serão preferidas...

Transformações

Não morre, apenas pelo chão desaba
a árvore, que as sementes repartidas
já são formosas árvores floridas.
E a matéria, que a podridão macabra

tanto aproveita? Da nojeira baba
nada se perde, as carnes poluídas
rótas, transformam-se em milhões de vidas.
Então, minh'alma, exulta, nada acaba.

Olha as ondas do mar beijando as fragas:
entre os raios do sol e ondas aéreas,
vão e voltam aos céus e às térreas plagas.

Como as revoltas inquietas vagas,
assim vives, minh'alma, entre as etéreas
existências e as sórdidas matérias.

Separação

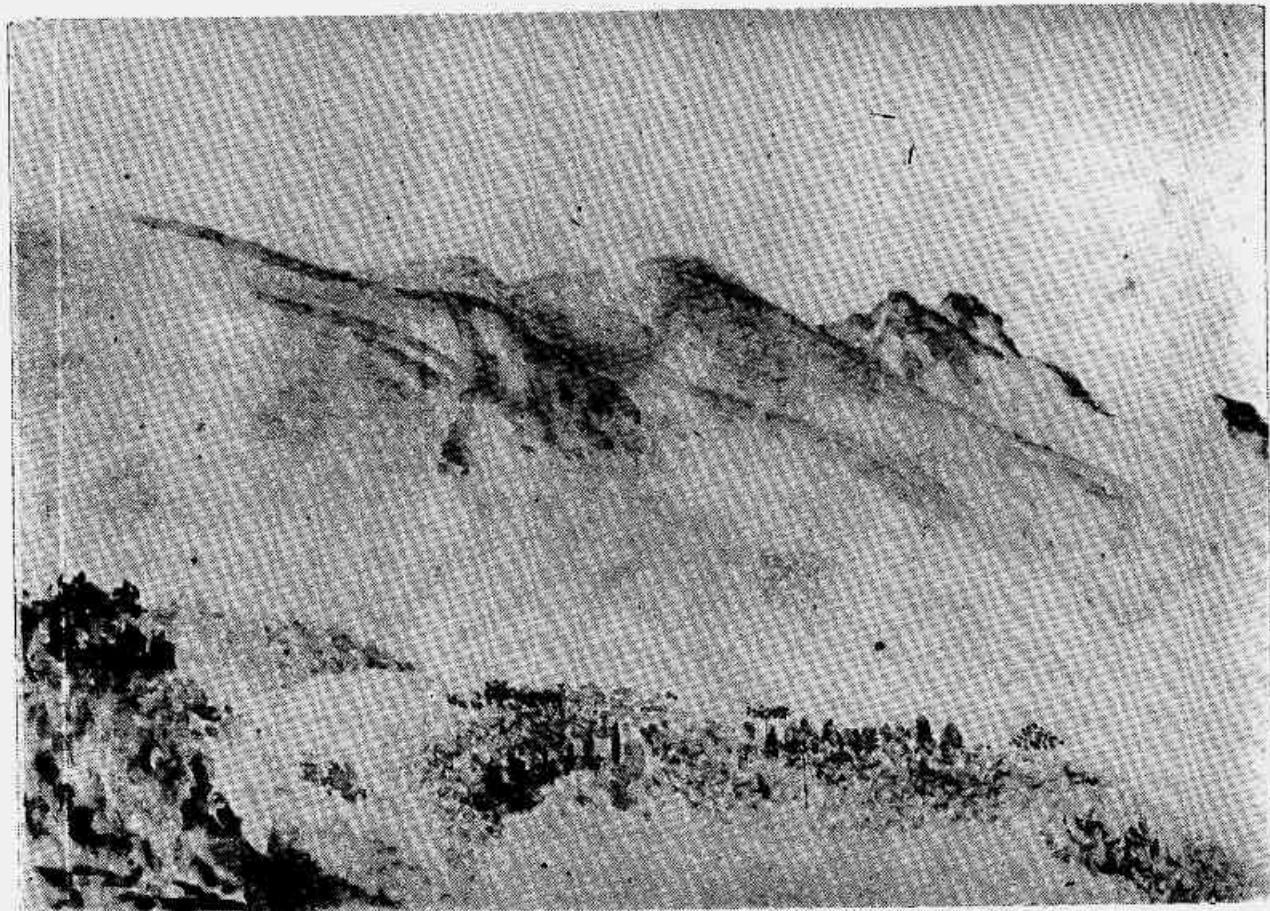
Tu sabes que meu peito ingênuo e casto
transformou-se, que agora é um louco e vasto
incêndio, a mesma febre que te inflama,
e, unidos e abraçados como a flama,

a brasa incandescente. Como o lastro
de luz resplandecente envolve o astro,
assim vivemos: tua alma reclama
toda minh'alma, que te adora e te ama.

Mas nesta vida de surpresas cruas
pode o ciúme, a ingratidão feroz,
o ódio latente separar-nos. Nós

então seremos um para o outro — sóis
inesquecíveis; novas almas duas
pálidas, mortas, regeladas luas...

Album de Guignard.



N. 11 — Horto Florestal de Itatiaia

BIBLIOGRAFIA DE CELSO VIEIRA

- (Cont. da página 20)
- *Recepção do Acadêmico Vitor Viana*, 1937.
 - *Ceticismo e Beleza na obra de Anatole France*, 1944.
 - Na Casa de Itália:
 - *Leopardi*, oração proferida no centenário do poeta e publicada no *Jornal do Comércio*, em julho de 1937.
 - No Gabinete Português de Leitura:
 - *O dia de Camões*, conferência publicada no *Jornal do Comércio*, em junho de 1935.
 - No Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro:
 - *O Misticismo de Anchieta*, em 1933, conferência incluída na coletânea *Anchieta*, ed. da Livraria do Globo, Porto Alegre.

"EDIÇÕES MELHORAMENTOS"

- Está entregue no mercado leitor a vigésima sexta edição do famoso romance de Taunay *Inocência*, um dos pilares básicos da nossa formação literária. É mais um lançamento das "Edições Melhoramentos".
- Poucos sabem que há no Brasil uma versão de *Os Lusíadas*, especialmente para a nossa juventude escolar. É um lançamento das "Edições Melhoramentos", que se encontra já na sétima edição.
- O folclore está na ordem do dia na programação de nossas editoras. Em segunda edição, a "Melhoramentos" acaba de lançar a apreciada obra de Lindolfo Gomes, "Contos Populares Brasileiros".

EDIÇÃO IPE

O Instituto Progresso Editorial (IPE) apresentará este ano *Toda a Poesia de Guilherme de Almeida*.

- No Liceu Literário Português:
- *Instrução popular*, conferência publicada no *Jornal do Comércio*, em setembro de 1934, e editada pela diretoria do Liceu em opúsculo.
 - No Teatro Municipal:
 - *A Semana da Asa*, oração publicada em outubro de 1936 no *Jornal do Comércio*.
 - Redigiu:
 - *A Mocidade* (Recife, 1902).
 - Teve al como companheiro Castro Martins.
 - *O Eco Juvenil* (idem, idem).
 - Teve al como companheiros Francisco Cunha e José Pereira Ramos.
 - Usou os pseudônimos de Alceste e Zlich.

FONTES SOBRE CELSO VIEIRA

- Campos, Humberto de — *Anchieta* — Crítica — 2.ª série.
- *Celso Vieira poeta* — Revista das Academias de Letras, n.º 48, pág. 192.
- Duarte, José — *Sobre os Aspectos do Brasil* de Celso Vieira — Rio, 1937.
- Frazão Neves — *A Academia Brasileira*.
- *Figueiredo, Antero de* — Carta no "Jornal do Brasil" de 8 de setembro de 1943.
- Galvão, Zeferrino — *Dicionário Histórico*, etc. — de Pernambuco.
- Leão, Mácio — *Graca Araujo e Celso Vieira* — *Jornal do Brasil* — 4-5-1937. — *Aspectos do Brasil* — idem, 13 de novembro de 1936.
- Melo, Washington — *Mundo Literário* — 5-7-1923 — 284 páginas.
- *Perdigão, Henrique* — *Dicionário Universal de Literatura* — 289 págs.
- *Ribeiro, João* — *Anchieta* — *Jornal do Brasil* — 6-11-1929.
- *Várias opiniões acerca de Endimido* — *Revista Nacional* — junho, 1919.

ADONIAS

- (Cont. da página 21)
- enações dinásticas, o alto sonho do poder, gosaria o encanto de todas as mulheres em uma só — Abisag.
 - Há uma coisa mais desejável que o poder, concluiu. É o amor.
 - Subjugado pelo coração, foi um dia ao palácio real, disse à Bethsabée:
 - Muito bem sabes que me pertence o reino de Israel e Judá. Sobre o teu filho posso invocar a primazia do nascimento, o voto quase unânime dos judeus e dos israelitas. A um braço meu, avançaria o exército de Joub, com as lanças em riste, para me entronizar. Mas deixo não só este reino, todos os reinos do mundo a Salomão, contanto que eu tenha por mulher Abisag de Sunam. Queres interceder junto ao rei?
 - Sim, prometteu-lhe a viúva de Urias e David.
 - Maternalmente, diante do côrte, falou Bethsabée a Salomão, cujo esplendor principiava a ofuscar os séculos antigos. E em vez do gesto, que a sua ternura aguardava do rei — a simples dádiva de Abisag ao irmão Adonias, como era justo — vin uma nuvem crescer, tempestuosa, nos olhos resplendentes do filho:
 - O' mãe, trouxe-me Salomão, pede-me antes o reino para Adonias. Não é ele o mais valeroso, o mais digno de reinar, escoltado pelos brótes de Joub, consagrado pela união de Abisag?
 - Houve um calafrio na medula dos trinta e sete valentes de Israel. Salomão proseguuiu, coberta a face

NADA

Tudo é nada no mundo; o nada é tudo. Porque tudo do nada foi tirado, Porque no nada tudo é transformado, E ao nada voltará n'um dia tudo.

Deus do nada co'um gesto tirou tudo; O Universo do nada foi tirado, E n'um dia, no nada transformado, Deixará de existir; e assim vai tudo.

Só nossa alma persiste, e Deus Eterno, Cujá essencia é de si mesmo increada, Pois é um Ser divino, Ente superno.

Na potencia do mundo agigantada, N'esta terra, no Deus, no proprio Inferno. Scmente uma palavra eu leio: NADA.

19 de Março de 1865

JOAQUIM NABUCO

— Quem viver o desejo para Abisag morrerá como Adonias.

Magnificamente, desceu do trono, inclinou-se para ela, belou-lhe os cabelos mais crespos que a lã dos rebarbas de Galand, os olhos submissos como os das pombas arrulhadoras, a boca de rosa tróscala, madura, orvalhada:

— Senhor, disse Abisag a medo, o teu poder é implacável.

Cingindo-o no seu deslumbramento, levando-a para a sua câmara, Salomão respondeu:

— Há uma coisa mais implacável que o poder, mais poderosa que a morte: é o amor.